

RAMIRO BERBERT DE CASTRO

HISTORICO E DESCRIÇÃO

— DOS —

Edifícios da Cadeia Velha, Palacio Monröe
e Bibliotheca Nacional

Separata do "Livro do Centenario da Camara dos Deputados".

(1826-1926)



Empresa Brasil Editora, Limitada

Rua Frei Caneca, 153

Rio de Janeiro

1926

RAMIRO BERBERT DE CASTRO

Deputado Federal, Membro do Instituto Geographico e Historico
da Bahia e da Associação Brasileira de Imprensa.

HISTORICO E DESCRIÇÃO

— DOS —

Edifícios da Cadeia Velha, Palacio Monröe
e Bibliotheca Nacional

Separata do "Livro do Centenario da Camara dos Deputados".

(1826-1926)



Empresa Brasil Editora, Limitada
Rua Frei Caneca, 153
Rio de Janeiro
1926

V
725.110981541
C355
HDE 541
1926 355

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 127
do ano de _____

DOAÇÃO



A meu irmão
Dr. Epaminondas Berbert de Castro
homenagem

DO MESMO AUCTOR:

UM CASO DE PSEUDO-TUBERCULOSE PNEUMOCOCCICA — 1922,
Imprensa Official, Bello Horizonte.

DISCURSOS — 1922, Imprensa Official, Bello Horizonte.

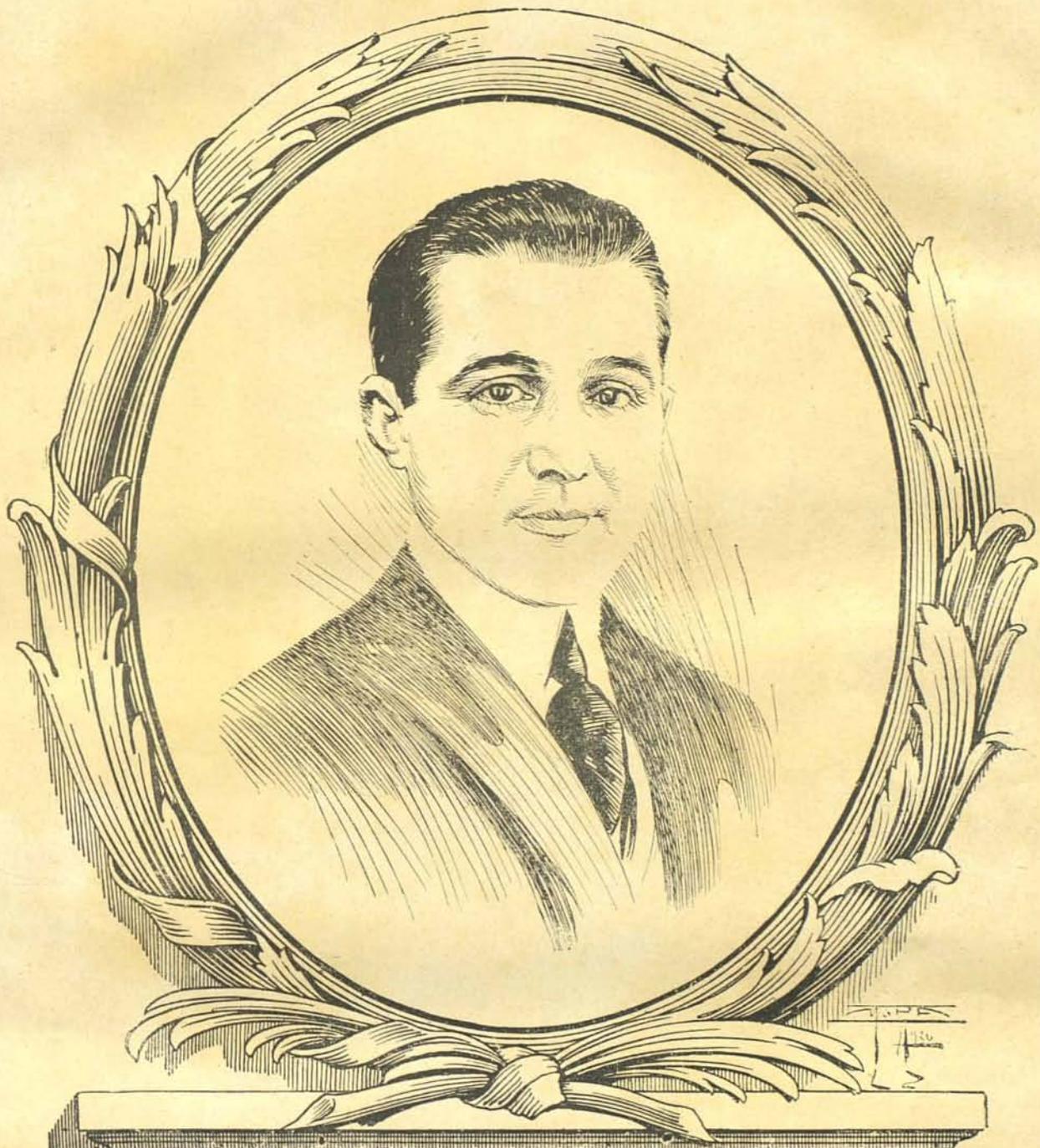
NOTAS DE VIAGEM — 1922, Imprensa Official, Bello Horizonte.

DOCUMENTOS POLITICOS — 1923, Typogaphia "Metropole", Rio de
Janeiro.

AS ELEIÇÕES FEDERAES NA BAHIA — 1924, Pimenta de Mello & Cia.,
Rio de Janeiro.

O CACÁU NA BAHIA — 1924, Livraria, Papelaria e Lytho-Typogra-
phia. — Pimenta de Mello & Cia., Rua Sachet, 34 — Rio de Janeiro.

PALAVRAS DE FÉ — 1925, Editora Lux, Rio de Janeiro.



Ramiro Berbert de Castro



ACCEITANDO a nobre incumbencia, com que me distinguio o eminente presidente da Camara Federal, Dr. Arnolfo Azevedo, de escrever uma das monographias que figurarão no livro commemorativo do primeiro centenario da installação do Poder Legislativo Brasileiro, empreguei o esforço que pude no desempenho da ardua tarefa que me foi confiada, não receando, entretanto, fadigas na pes-

quisa e escolha dos melhores e mais authenticos documentos, que servissem de illustração e base para esta obra de sincero sentimento patriotico.

Foi-me distribuida a these sobre o "Historico e Descripção dos Edificios da Cadeia Velha, Palacio Monröe e Bibliotheca Nacional".

Bastantes difficuldades encontrei na acquisição de dados, deparando varias obscuridades em alguns documentos consultados, como no tocante á chronica obsoleta da Cadeia Velha, havendo, para superar taes empecilhos, necessidade de compulsar, a miude, livros antigos, alfarrabios, jornaes de varias épocas, Annaes da Camara dos Deputados, papeis carinhosamente conservados no Archivo Publico, e no Archivo Municipal.

Se nenhum merito tem o presente trabalho, resultado de sincero esforço e da boa vontade de bem corresponder á confiança do preclaro presidente Arnolfo Azevedo, ao menos lhe deve ser reconhecida a importancia da unificação dos estudos dessa natureza, com mais justo encadeamento de factos occorridos nos edificios nacionaes em que tem funcionado a Camara dos Deputados, a que tenho a honra de pertencer, como representante do Estado da Bahia.

Bem ou mal, procurei cumprir o meu dever.

R. B. de C.



Cadeia Velha

CADÉIA VELHA

Que doces e amargas recordações se prendem á historia da Cadeia Velha! O antigo edificio da Camara tem uma chronica muito suggestiva, accidentada e profundamente commovedora. Teve seus lampejos de eloquencia, suas pompas religiosas e, simultaneamente, seus excruciantes martyrios. Antes da sua completa remodelação, da sua metamorphose do que foi para o que é hoje, as suas paredes, testemunhas duradouras de outras éras, evocavam scenas, cuja lembrança constricta ainda a alma dos mais indifferentes. Parte da nossa historia teve alli o seu inolvidavel encadeamento. Basta citar o facto de ter sido no seio daquelle secular edificio o proscenio do tragico epilogo da Inconfidencia. Se as pedras do seu sedimento falassem, não cessariam de recontar episodios pungentes, como as afflictivas lamentações de um verdadeiro visionario, que se obstinou em querer ser martyr, no seu eterno sonho de redempção nacional, no esplendor de seus ideaes republicanos. Se todo o primitivo edificio estivesse ainda de pé, como dantes, com o seu só antigo aspecto, qualquer coisa de inviolavel e sagrado manifestaria o seu passado de luz e trevas.

A sua primeira installação foi uma consequencia, louvavel, da expansão da cidade, que progressivamente se ampliou do Morro do Descanso, Sé, ou Castello, para a vargem de Nossa Senhora do O', espalhando-se a população na baixada, á beiramar, entre aquelle Morro e o de São Bento. Vamos encontrar a origem da Cadeia Velha em alguns dos nossos melhores historiadores. E' Gabriel Soares quem affirma ter sido a casa feita de taipa de mão, no Morro do Descanso, por determinação de Mem de Sá. Sabe-se que desde o começo do seculo XVII os ouvidores reclamavam, em suas correições, nova séde para o presidio e Senado da Camara. Por que? Qual a causa dessas iterativas reclamações? E' que a velha casa do Morro do Castello já se achava damnificada. E' typica, neste sentido, a correição do ouvidor, o licenciado Luis Nogueira de Brito, de 31 de Dezembro de 1627, determinando, entre outras coisas, que, á custa do Conselho, os officiaes da Camara concertassem a Cadeia, dando vara aos quadrilheiros; bem como a de 6 de Agosto de 1631, do ouvidor Paulo Pereira, a qual se refere á Cadeia, declarando ser esta

A Origem da Cadeia
Velha

“muito velha”, e que “não dispunha de prisões de ferro necessarias”, assim ficando inseguros os criminosos, de modo que muitos delles facilmente fugiam. Vê-se que a Cadeia não só era velha, mas tambem não offerecia já segurança alguma. Houve quem insistisse na necessidade da realização das obras da Cadeia, por aquelle motivo, ou fosse, mais tarde, o ouvidor Francisco Taveira de Neiva, em auto de correição lavrado em 22 de Junho de 1636, comquanto nesse documento não houvesse feito nenhuma referencia á séde do Senado da Camara. Não há mais duvida quanto á data da mudança, do Senado da Camara e Cadeia, do Morro da Sé para a vargem da cidade. Encontramo-la no livro de “Vereanças”, de 1635 a 1650, do qual consta o **auto do accordam, que se fez no Conselho, da mudança da Cadeia e Casa da Camara do Alto da Sé para o local junto á ermida de São José**. Por este documento tão valioso, mas quasi illegivel, de 18 de Julho de 1639, se vê que a trasladação do Senado da Camara para a vargem da cidade só se effectuou no terceiro decennio do seculo XVII. Do mesmo documento consta o registo do contracto ou ajuste dos vereadores com o pedreiro Francisco Monteiro, para que se incumbisse da construcção do novo edificio, o qual aos poucos ia ser erguido, a expensas da Municipalidade, que então dispunha de poucos recursos.

Suscitaram-se varias providencias para que as obras tivessem o indispensavel andamento. Foram, então, expedidas recommendações, em correições de 6 de Dezembro de 1653 e 5 de Dezembro de 1656, no sentido de serem activadas as mesmas obras. De conformidade com as determinações dessas correições, deveria ser continuada, ininterruptamente, a construcção da Cadeia, **trabalhando-se até nos dias santos, e que os officiaes não allegassem ignorancia e nem descuido em negocio tão importante**. Pela correição de 22 de Dezembro de 1660, attendeu a Metropole, em parte, aos rogos da Camara do Rio de Janeiro, para a continuação das obras da Cadeia, com o dinheiro do subsidio, por suggestão do ouvidor Pedro Mustre Portugal, e que se pusesse, para o lado do mar, uma grade forte e grossa na janella da enxovia, evitando, assim, a evasão dos presos. Havia no edificio da Cadeia um só pavimento, como se deprehende da correição de 26 de Maio de 1663. Com as sobras dos subsidios pequenos dos vinhos, o ouvidor Sebastião Cardoso de Sampaio, que presidiu áquella correição, mandou levantar sobrado naquella casa, e, ao mesmo tempo, construiu uma sala especial destinada á prisão de homens e mulheres nobres, **que não poderiam ficar em prosmiscuidade com malfeitores e as negras**.

De tudo isto se conclue que as obras, levadas a effeito, só o foram no intuito de ampliar o edificio, para que no mesmo funcionassem não só o Senado da Camara, senão ainda a Cadeia, fazendo-se, em 1641, uma nova sala, para as sessões da Camara, e tambem uma escada, na frente do edificio.

O Senado da Camara

Quanto ao Senado da Camara, sabe-se que este se installára no Velho edificio da rua da Misericordia em meados do século XVIII. Já o predio estava melhorado, com as ampliações feitas, contando o mesmo tres janellas de frente, para a antiga rua **Manuel Ribeiro**, depois Assembléa, e recentemente Republica do Perú, caminho que vae para São Francisco da Penitencia, rua do

Padre Bento Cardoso e rua da Cadeia. Davam para a Casa dos Governadores as janellas lateraes, ou seja para as bandas do Terreiro da Polé, depois Praça do Carmo, depois Praça 15 de Novembro, onde se encontra actualmente a Repartição Geral dos Telegraphos, e antes Paço Real, e Paço Imperial da cidade, em 1822.

E' opportuno recordar que no interior da Cadeia foi instituida, por Miguel de Oliveira Portella, a Capella de Jesus, bemzida, em 22 de Dezembro de 1710, pelo Conego Miguel de Noronha da Camara, tendo sido vinculada uma casa, na frente da Cadeia, lado da Misericordia, para patrimonio dessa Capella.

A Capella de Jesus

Logo que foi creado o Tribunal da Relação, passou este a funcionar no alludido edificio, do qual se desalojou o Senado da Camara, installando-se este no sobrado fronteiro á Casa dos Governadores, de onde só se retirou, a contra gôsto, em virtude do incendio havido em 20 de Julho de 1790. As chammias desse sinistro consumiram documentos e livros importantes do archivo da Municipalidade, destruindo todo o predio.

Tribunal da Relação

A Relação, por sua vez, deixou o edificio da Cadeia Velha; e tornou á sua antiga séde o Senado da Camara, onde se conservou durante dezeseite annos, cinco meses e dias.

Não se pôde falar da Cadeia Velha, sem a amarga iembrança do Tiradentes, personificação dos mais ardentes ideaes republicanos. Toda a Inconfidencia se resume no martyrio unico, no tragico destino desse visionario da nossa emancipação politica, e que, na observação de um historiador, era um "homem rude das montanhas", falando "com a eloquencia dos predestinados sob as abobadas retumbantes do carcere".

Tiradentes

Para ahi viéra, com dez companheiros, ou conjurados, em 17 de Abril de 1792, após tres annos de reclusão, tendo sido preso em 10 de Maio de 1789, na casa de Domingos Fernandes, onde estivera apenas tres dias, á rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias. Mas, falar de Tiradentes é reviver todo o movimento de formação do espirito nacional, através da evolução de suas idéas emancipadoras, idéas de hegemonia politica e de liberdade. Essa idéa de independencia sempre preponderou entre nós, por muitos factos que a historia regista. Minas, porém, terra privilegiada pela natureza, thesouro de metaes e pedras preciosas, que por tanto tempo despertara a cobiça dos aventureiros, mais proxima do céu, pela sua admiravel configuração geographica, constantemente acariciou os mais bellos ideaes de liberdade. Alli, na explosão dos mineiros contra o despotismo do Conde de Assumar, em 1720, já avultava o sentimento de nativismo, manifestando-se, então, claramente, a idéa de independencia, sob a chieia de Felippe dos Santos, e tendo por objecto a proclamação da Republica, da qual seria presidente Sebastião da Veiga Cabral.

A revolução foi atraioada pelo governador, depois de ter sido victoriosa ante a pusillanimidade deste. O mesmo Felippe dos Santos, o "mais diabolico dos homens", na expressão do Conde de Assumar, teve um destino cruel: foi atado á cauda de quatro fogosos cavallos, e, assim, barbaramente, arrastado pelas

accidentadas ruas da então Villa Rica, pondo triste remate áquella primeira revolta. Setenta annos decorreram, sem que se interrompesse o curso das idéas libertadoras. De modo que a Grande Conjuração de 1789 não foi mais que um corollario da de 1720. A situação politica do Brasil contrastava, enormemente, com a da Europa, onde se propagavam, do modo mais vertiginoso, as idéas de liberdade, e com a da America do Norte, proclamando a sua independencia. E' para lamentar ainda que, em quanto se preparava, ardentemente, como na França, a proclamação da igualdade humana, a victoria da democracia, a nossa terra arfava, opprimida pelo governo de D. Maria, a Louca, a primeira mulher, que, em 1777, subira ao throno portuguez! Vedou o nosso commercio ao de outras nações; reimplantou, aqui antigos privilegios; instituiu onerosos monopolios até sobre generos de primeira necessidade; prohibiu a producção manufactureira e a abertura de estradas, para que as povoações não se communicassem entre si. Ao tempo em que, na Velha Europa, já se dispunham a proclamar a liberdade de pensamento, D. Maria I determinava que se queimassem, no reino, as producções dos philosophos reformadores do seculo XVIII! Procurava, assim, prohibindo a divulgacão das obras de um Rousseau, Spinoza, Beyle, Voltaire e outros, suffocar aquellas idéas, que, apesar de todo o despotismo, serviram para exaltar, mais ainda, a imaginação da mocidade brasileira.

A mesma idéa de emancipação, a esse tempo, dominou o espirito dos nossos jovens estudantes das Universidades de Coimbra, onde doze delles organizaram um Club para "secretamente tratar dos meios propicios á realizacão dessa idéa", e em Montpellier, onde tres outros brasileiros, os fluminenses José Mariano Leal, José Joaquim da Maia e o mineiro Domingos Vidal Barbosa combinavam projectos, visando igual fim. José Joaquim da Maia chegou a conferenciar, sobre o assumpto, com Thomás Jefferson, ministro norte-americano na França, a quem pediu coadjuvação, obtendo, apenas, vagas respostas, vindo aquelle moço patricio, infelizmente, a fallecer em Lisbôa.

Vem a proposito o que disse do encontro de Tiradentes com um dos jovens brasileiros que estudaram na Europa o brilhante estylista Gonzaga Duque: "Em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, feita com o proposito de entregar em mãos do vice-rei um requerimento sobre empresas de trapiches e canalizacão d'agua para o abastecimento da vice-côrte, aconteceu-lhe encontrar o seu conterraneo José Alvares Maciel, recém-chegado da Europa, onde tinha estudado. Bem depressa os dois entraram em camaradagem, e Alvares Maciel, que havia pertencido ao Club dos Doze, attendendo ao animo desse homem, cujo rosto tostado aos mormaços das jornadas, de grandes barbas propheticas, se illuminava de esperanças, que sua intelligente loquacidade mais acalorava, cuja herculea estatura lhe dava uma expressão de resolute e capaz, explanou um projecto revolucionario, de accôrdo com as idéas que elle apresentava sobre a oportunidade de aproveitar-se da cobrança do quinto do ouro, que estava atrazada, e que a côrte de Lisbôa mandaria fazer em derrama, para impedir protelações e evasivas. Tiradentes impressionou-se com as claras considerações de Alvares Maciel. Partindo para Minas, continuou com mais ardor a propaganda, indo procurar logo o

tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, comandante da tropa regular da capitania, muito considerado pelos estreitos laços de família com o ex-governador do Rio, Conde de Bobadella. Francisco de Paula ouviu, com entusiasmo, a exposição de Tiradentes, e, após longa conferencia, protestou todo auxilio ao progredimento da idéa”.

Foi na casa de Francisco de Paula Freire de Andrade que começaram as reuniões conspiradoras.

Em Minas, foi ardorosa a propaganda das idéas republicanas de Tiradentes. Os homens mais illustres alli se envolveram na trama da conspiração; dentre elles nunca é de mais citar a figura placida do grande lyrico e ouvidor Thomás Antonio Gonzaga, que mereceu, pelas torturas do seu degredo, um drama social e eloquente de Castro Alves. Minas inteira parecia conjurar. Qual era o grande sonho de Tiradentes? Era a selecção dos fortes, a restauração da terra. A sua voz ardente e prophetica a todos, assim, concitava:

— “E’ nosso este país, é nosso este solo! Os vis que rabeiem, os covardes que se quedem! Nós iremos levantar os fortes, e sahiremos a restaurar a terra”...

Esta voz, energica e retumbante, era, por certo, o terror dos fracos, mas era, ao mesmo tempo, a trombeta magica que tudo abalava até o duro perfil das rochas, a selvatica e empolgante grandeza das matas, e até o distante baluarte do Itacolomy. Era a esplendida fulguração do seu ideal de victoria republicana. Tiradentes tornou-se, deste modo, a propria alma da Inconfidencia. Sabe-se que era esse destemido agitador quem preconizava as reuniões secretas dos conjurados, despertando entusiasmo, encorajando os mais irresolutos. Emmaranhava-se pelos sertões, de onde trazia, prazenteiro, jubiloso, os melhores recursos para a nobre realização de suas idéas de liberdade. Houve momentos em que, colerico, bradou contra os que pareciam enfraquecer na campanha, e era quando “bramava contra os que não sabiam ser homens”, e chegava a “proclamar os nomes dos que se compromettiam”, como os de José Rezende Costa, pae e filho, Domingos Vidal Barbosa, Luís Vaz de Toledo Piza, Salvador Gurgel do Amaral, e outros que tambem haviam prestado o juramento sagrado da Inconfidencia, participando da rebeldia. O prestigio dos conjurados augmentou, mormente quando se soube que o acatado jurisconsulto de Villa Rica, o poeta Claudio Manuel da Costa, educado na Europa, entrára para a phalange dos que esposaram a causa republicana, tendo como lemma — **Aut libertas aut nihil**, que antecedeu e equivale ao — “Independencia ou Morte!” — do Ypiranga. O dia da derrama seria o da erupção do levante. O estratagema foi bem urdido. Um grupo de conjurados sahiria á noite, a gritar pela rua:

— “Viva a liberdade!”...

O povo, já contrariado pelas medidas extorsivas do governo, affluiria á rua, em rebeldia. O tenente-coronel Francisco de Paula tinha que formar a tropa. Simularia dar combate ao motim. Daria tempo a que Tiradentes exurgisse de Cachoeira, com a cabeça decepada do governador geral! Outros se oppuseram a que fosse degollado o governador, e, em antes, fosse preso, e expulso da capitania.



Qual o verdadeiro objectivo da revolução? E' de todos conhecido: proclamar-se-ia em Minas a **Republica**, encarregando-se das leis uma junta provisoria; mudar-se-ia a capital para S. João d'El-Rey; crear-se-ia uma Universidade em Villa Rica; proclamar-se-ia a liberdade de mineração, com a fundação, simultanea, de fabricas de tecelagem e outras manufacturas, assumpto em que era mestre José Alvares Maciel, como resultante dos seus acurados estudos na Inglaterra; far-se-ia, por proposta, já acceita, de Claudio Manuel da Costa, a abolição dos escravos, com os quaes formariam o exercito de defesa; executar-se-ia o projecto de uma bandeira, ideada por Tiradentes, com um triangulo, symbolização dos mysterios da Santissima Trindade, de que era devoto, modificada, porém, por Claudio Manuel da Costa, que substituiu o triangulo por um genio quebrando as cadeias do servilismo, com a inscripção: — **Libertas quæ sera tamen** (Liberdade, ainda que tardia), em fundo azul e branco. Não se fizera o lançamento da derrama. Foi Gonzaga quem convenceu o Dr. Francisco Gregorio Pires Bandeira, intendente de Villa Rica, de que se dariam graves perturbações contra o pagamento dos quintos. Insurgiu-se logo contra esses tão bellos planos a hydra da traição! Joaquim Silverio dos Reis, com os outros denunciantes Corrêa Pamplona e Brito Malheiros, portugueses, levou a delação do levante ao visconde de Barbacena. Que fez o governador? Immediatamente suspendeu o lançamento da derrama, e determinou a prisão dos conjurados, abrindo-se a indispensavel devassa.

Foi nessa occasião que, vindo ao Rio, foi preso Tiradentes. Todos os réos mineiros vieram para o Rio, igualmente, presos, mettidos em ferros.

Aqui se installou, sem demora, o Tribunal, para julgamento dos culpados. O processo, que durou longo tempo, foi agitado e extenso, durante o qual se destacou Tiradentes pela varonilidade do seu ardoroso temperamento de republicano, pela nobreza dos seus sentimentos patrioticos, pela sua integridade moral, tomando a inteira responsabilidade de toda a conjuração.

De todos os inconfidentes foi Claudio Manuel da Costa quem, talvez por fraqueza da idade, e pelos soffrimentos, apavorado com a morte desde o unico interrogatorio a que se submetera, não resistira, sequer, á ultimação do processo, vindo a enforcar-se, em 4 de Julho de 1789, com uma liga, dentro de um armario, no carcere.

Em 1790, foi o vice-rei do Brasil, D. Luís de Vasconcellos, substituido por D. Luís José de Castro, Conde de Rezende, incumbido, pelo governo portuguez, de dar andamento ao processo, que seria ultimado no Rio de Janeiro. Sebastião Xavier de Vasconcellos Coutinho foi juiz da Alçada, em que figuraram os adjunctos Antonio Diniz da Cruz e Silva e Antonio Gomes Ribeiro, além de outros ministros que o vice-rei nomeara. Foram mettidos em oratorio os réos, em 17 de Abril de 1792, e a 18 foi lavrada a sentença.

Os termos da sentença de condemnação dos Inconfidentes são de uma rudeza aterradora. Taes palavras, que devem ser vivamente registadas pela historia patria, condemnam o "réu" Joaquim José da Silva Xavier, "alferes que foi da tropa paga da capitania de Minas", a que, "com baraço e pregão, seja conduzido pelas ruas publicas ao lugar da fôrça, e nella morra morte natural para sempre, e que depois de morto lhe seja cortada a cabeça e levada á Villa Rica, aonde em lugar mais publico della será prégada em um poste alto até que o tempo a consuma, e o seu corpo será dividido em quatro quartos, e pregados em postes pelo caminho de Minas, no sitio da Varginha e de Cebolas, aonde o réu teve suas infames praticas, e as mais, nos sitios de maiores povoações, até que o tempo tambem as consuma; declaram o réu infame, e seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens applicam para o fisco e camara real, e a casa em que vivia em Villa Rica será arrasada e salgada, para que nunca mais no chão se edifique, e não sendo propria será avaliada e paga a seu dono pelos bens confiscados, e no mesmo chão se levantará um padrão pelo qual se conserve em memoria a infamia deste abominavel réu".

"Igualmente condemnam aos réus Francisco de Paula Freire de Andrade, tenente-coronel que foi da tropa paga da capitania de Minas, José Alves Maciel, Ignacio José de Alvarenga, Domingos de Abreu Vieira, Francisco Antonio de Oliveira Lopes e Luis Vaz de Toledo Piza, a que com baraço e pregão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao lugar da forca, e nella morram morte natural para sempre, e depois de mortos lhes serão cortadas as suas cabeças e pregadas em postes altos até que o tempo as consuma; as dos réus Francisco de Paula Freire de Andrade, José Alves Maciel, Domingos de Abreu Vieira, nos lugares defronte de suas habitações que tinham em Villa Rica, a do réu Ignacio José de Alvarenga no lugar mais publico na Villa de S. João de El-Rei, a do réu Luis Vaz de Toledo Piza na Villa de S. José, e a do réu Francisco Antonio de Oliveira Lopes defronte do lugar da sua habitação, na ponta do morro, e declaram estes réus infames, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens confiscados para o fisco e a camara real, e as casas em que vivia o réu Francisco de Paula, em Villa Rica, aonde se juntavam os réus chefes da conjuração para terem os seus infames conventiculos, serão tambem arrasadas e salgadas, sendo proprias do réu, para que nunca mais no chão se edifiquem.

Igualmente condemnam aos réus Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José de Rezende Costa Filho, e Domingos Vidal Barbosa, a que com baraço e pregão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao lugar da forca, e nella morram morte natural para sempre; declaram estes réus infames, seus filhos e netos, tendo-os, e seus bens confiscados para o fisco e camara real, e, para que estas execuções possam fazer-se mais commodamente, mandam que no campo de S. Domingos se levante uma forca mais alta do ordinario.

Ao réu Claudio Manoel da Costa, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria, e infames seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens confiscados para o fisco e camara real.

Aos réus Thomaz Antonio Gonzaga, Vicente Vieira da Motta, José Ayres Gomes, João da Costa Rodrigues e Antonio de Oliveira Lopes, condemnam em degredo por toda a vida para



os presídios de Angola. O réu Gonzaga para as Pedras, o réu Vicente Vieira para Angoche, e o réu José Ayres para Ambaca, o réu João da Costa Rodrigues para o Novo Redondo, e o réu Antonio de Oliveira Lopes para Caconda; e se voltarem ao Brasil se executará nelles a pena de morte natural na forca, e applicam os bens todos destes réus para o fisco e camara real.

Ao réu João Dias da Motta condemnam em dez annos de degredo para Benguela e se voltar a este Estado do Brasil, e nelle fór achado, morrerá morte natural na forca, e applicam a terça parte de seus bens para o fisco e camara real. Ao réu Victoriano Gonçalves Velloso condemnam em açoutes pelas ruas publicas, tres voltas á roda da forca, e degredo por toda a vida para a cidade de Angola, e tornando a este Estado do Brasil, e sendo nelle achado, morrerá morte natural na forca para sempre, e applicam a metade dos seus bens para o fisco e camara real. Ao réu Francisco José de Mello, que falleceu no carcere, declaram sem culpa, e que se conserve a sua memoria segundo o estado que tinha.

Aos réus Manuel da Costa Capanema e Faustino Soares de Araujo absolvem, julgando pelo tempo que têm tido de prisão purgada qualquer presumpção que para elles podia resultar nas devassas.

Igualmente absolvem aos réus João Francisco das Chagas, Alexandre, escravo do padre José da Silva de Oliveira Rolim, Manuel José de Miranda e Domingos Fernandes, por se não provar contra elles o que é bastante para não se lhes impôr penas; e ao réu Manuel Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, fallecido no carcere, declaram sem culpa; e que se conserve a sua memoria segundo o estado que tinha. Aos réus Fernando José Ribeiro e José Martins Borges condemnam o primeiro por toda a vida para Benguela e em 200\$ para as despesas da Relação; e ao réu José Martins Borges em açoutes pelas ruas publicas e 10 annos de galés, e paguem os réus as custas.”

Imagine-se o pavor produzido com a leitura da sentença! E' ainda o escriptor nacionalista Gonzaga Duque quem nos pinta esse quadro: “A leitura da sentença, a recusa de um embargo desalentaram as victimas. Vidal Barbosa e Ignacio de Alvarenga davam mostras de demencia; o primeiro, ria-se, dizendo incoherencias; o soldado-poeta recriminava sua esposa, por lhe ter impedido de revoltar-se na occasião do fracasso, e misturava suas coleras com as ternuras com que se lembrava de sua filha; os dois Rezendes, abraçados, apesar das algemas, confundiam seus soluços; Domingos de Abreu, curvado por setenta annos de idade, e pela crueza dos algozes, mal respirava, apoiado ao peito de um fiel escravo que o acompanhara; Maciel rezava compungidamente; Francisco de Paula cahira num colapso, como se houvera perdido a noção da vida real; outros companheiros meditavam acobrunhados; só o Tiradentes era impassivel, a physionomia aclarada, o ouvido attento ás exhortações que o religioso lhe fazia. Por fim, a resignação triumphou”.

Foi lavrado pela Alçada novo accórdão, em virtude de uma Carta Regia de D. Maria I, limitando a degredo a pena que se ia applicar aos maioraes do levante, tendo sido commutada a pena de morte em degredo perpetuo para os sentenciados, com excepção

única de Tiradentes, ao qual seria totalmente applicada a barbara sentença.

Foi excepcionalmente heroica a resignação de Tiradentes! Só esse martyr ficou com as algemas nas mãos, e nos pés... e "com a certeza da morte sem mais recurso". Não se póde descrever, com a vivacidade real do momento, a emoção dos outros condemnados, na manhã em que o ministro da justiça voltou á prisão, preconizando a sentença, novamente, na sua parte condemnatoria, e mormente quando, erguendo a voz, aquelle magistrado passou á leitura de uma carta de D. Maria I, commutando a pena capital em degredo perpetuo na Africa, com excepção unicamente do Tiradentes! Este, já se considerando vivo-morto, apenas sorriu... Foi exceptuado do perdão real! Que importava a condemnação peor ao seu sonho, intangivel, de visionario das idéas republicanas? Tinha fé, confiava no julgamento dos pósteros, assim como confiava na justiça divina. A sentença correspondera ao seu proprio desejo. Queria ser elle a unica victima. Tinha a responsabilidade de tudo, só elle encarnava o espirito redemptor da Inconfidencia. Por isso, após a leitura do perdão da Rainha, em vez de se aquebrantar em terror, horrorizado do seu mesmo destino, se regozijou, com espanto dos circumstantes, respondendo ao director, ou frade, que o confortava na hora extrema da sua condemnação, "que morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes a quem contaminara: que isto mesmo intentára elle nas multiplicadas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizesse delle só a victima da lei".

Admiravel attitude essa, de verdadeiro martyr da fé, e da liberdade!

Nunca lhe pareceu mais bella a natureza. O dia luminoso, de um azul sereno lá fóra, parecia sorrir-lhe. Foi quando o algoz da justiça lhe vestiu a alva ignominiosa de condemnado, e lhe atou o barço ao pescoço.

Soaram cornetas e clarins. Era o 21 de Abril. Era a ultima vez que Tiradentes ia fitar os olhos mysteriosos no translucido azul do nosso céu, de certo levando a imagem da Patria no coração. Os regimentos, em numero de seis, que guarneciam a cidade, corresponderam logo aos signaes convencionados, fazendo ouvir suas musicas bellicosas. O povo esfervilhava nas ruas proximas. Alas cerradas de soldados fendiam a massa popular.

O brigadeiro Pedro Alves de Andrade commandava as armas.

Era o instante da maior agonia!

O funebre transito, por uma grande ironia da sorte, se tornou festival!

Os officiaes surgiram vestidos pomposamente, com os uniformes de gala, os cavallos paramentados, como para um luzido e gracioso torneio medieval!

As janellas dos edificios estavam repletas de familias; toda a população ostentava as melhores vestes, por ordem do Conde de Rezende.

Conta o engenhoso Esquiros que "as ferraduras dos cavallos montados pela flôr dos ajudantes, officiaes, ouvidores e mais autoridades, eram de prata, os arreios de prata, as gualdrapas e

mantas de velludo e sêda, e nas crinas e caudas dos cavallos entrelaçavam-se fitas de vivas e alegres côres...

La pôr-se em marcha o cortejo. Emquanto os corpos auxiliares davam a guarnição da cidade, a tropa regular, municuada com 12 tiros de balas, extendia-se em alas pela rua da Cadeia (depois Assembléa, hoje Republica do Perú), Largo da Carioca e Rua do Piolho (depois Carioca). Estendeu-se a tropa, mais ainda, pelo campo da barreira de Santo Antonio, denominado da "Lampadosa" ou de "São Domingos". Essa vasta extensão era ainda de natureza pantanosa, de vegetação aquatica e damninha.

A forca, para a qual se subia por mais de vinte degraus, estava sinistramente erguida naquelle largo, em meio ao extenso triangulo, que tres regimentos de infantaria fechavam. Um regimento de artilharia estacionava ao lado de São Francisco de Paula, bem municuadas as bôcas de fogo.

Eram oito horas da manhã. Tres horas levou o lugubre cortejo para chegar até ao lugar do throno da morte. Tiradentes, enfim, penetrou no acampamento do recinto triangular. Ninguém melhor que Joaquim Norberto pintou esta scena historica. O condemnado "subiu ligeiramente os degraus do throno que a escarnecedora sorte lhe destinára como seu desprotegido. Sem levantar os olhos, que tinha pregados na imagem do divino martyr, sem estremecimento algum que lhe trahisse a coragcm, deu lugar ao algoz para o fatal preparo, pedindo unicamente por todo favor que abreviassem a execução, no que ainda insistiu por duas vezes. Era essa a ultima graça que solicitava, e nem assim lhe foi concedida. Subindo alguns degraus do patibulo, improvisou o guardião do Convento de Santo Antonio uma pratica, prolongando, assim, em nome da religião, as angustias do triste padecente.

Rezou depois o mesmo religioso o credo dos apóstolos. No reino do mais sepulchral silencio, ouvia-se a voz do Tiradentes, que já vinha da eternidade, repetindo uma por uma as palavras da oração. Descia o frade os degraus, á proporção que ia terminando, até que se sumiu a sua voz. Então impelliu o algoz a sua victima, que caiu, despenhando-se no espaço. Um grito immenso, ou antes um gemido surdo, roufenho e prolongado irrompeu da multidão e foi abafado pelo rufo dos tambores"...

Estava consummado o enforcamento de Tiradentes!

Eis o que dessa consummação disse, como testemunha ocular, o escrivão da Alçada, na certidão do acto, tratando da ultima parte da horrenda sentença: "nella padeceu morte natural, e lhe foi cortada a cabeça, e o corpo dividido em quatro quartos".

A frente das casas foi illuminada por tres dias, e ainda houve preces em acção de graças, por ordem do Senado da Camara...

Tiradentes!

E' certo que esse protomartyr teve o seu instrumento de supplicio: a fôrca! A justiça de seu tempo servira-lhe de algoz! Mas, com o seu sangue redemptor, elle que tambem fôra um vidente da democracia, um apóstolo dos ideaes republicanos, um preconizador da nossa independencia, innocentando os demais conjurados, para que fosse elle o unico a encarnar todas as responsabilidades do movimento revolucionario mineiro, regou o solo bemdito da Patria, em meio ás aspirações liberaes da mocidade, afim de que

irrompesse, intangível e majestosa, a arvore da liberdade, da igualdade, da fraternidade, com o advento glorioso da Republica. A historia patria sagrou-o como heróe. A posteridade soube ser justa.

A Cadeia Velha continuou a servir de séde ao Senado da Camara e ás prisões, até que, em principios de 1808, com a preconizada vinda de D. João VI, aqui chegado em Março do mesmo anno, foi transferida a séde da Camara para a casa alugada, de Domingos Francisco de Araujo Rôzo, na rua do Rosario, esquina da rua Direita, tendo este logradouro o n. 8, e os presos foram mudados para a Cadeia do Aljube, fundada por Frei Antonio de Guadelupe, bispo do Rio de Janeiro, entre 1735 e 1740, primitiva prisão ecclesiastica. Convertida depois em Cadeia Publica, serviu, mais tarde, para as sessões do Tribunal do Jury, e ficava no angulo da antiga rua da Prainha e Ladeira da Conceição. Ficou, então, o predio da Cadeia Velha para alojamento da criadagem da Casa Real, tendo-se construido um passadiço, ligando esse predio ao palacio de D. João VI, hoje séde dos Telegraphos.

Cadeias Velha e do Aljube

Em Dezembro de 1822, por determinação do Ministro da Fazenda Martim Francisco Ribeiro de Andrada, foi expedida ordem para se preparar casa, destinada aos trabalhos da Assembléa Geral Constituinte Brasileira, cuja reunião seria a 3 de Maio de 1823. O edificio, que se achava desoccupado, e melhores proporções offerencia, era o da Cadeia Velha. Foi incumbido da decoração do edificio, para os trabalhos da Assembléa Constituinte Legislativa, Theodoro José Biencardi, por indicação de José Bonifacio de Andrada e Silva, no intuito de prestar este auxilio ao seu irmão, Ministro da Fazenda, na preparação daquella casa historica. Biencardi foi o encarregado, tambem, da organização da respectiva Secretaria. O lugar que melhor encontrou, para a Secretaria, foi o salão onde existia o alçapão, por onde subiam e desciam os presos.

Local da Constituinte de 1823

Descrêve o historiador Dr. Mello Moraes esta scena, de singular contraste, a proposito da Secretaria, sob a direcção de Biencardi: "Quando estava mandando assoalhar a bôca do alçapão, de repente vê um homem, vestido de preto, ajoelhar-se perto da bôca do alçapão, que se estava fechando, e, unindo as mãos, levanta os olhos para o céu, e disse estas palavras, que, tradicionalmente conservadas, me foram repetidas:

Singular contraste

"Louvado sejaes, meu Deus: quando, em 1792, eu sahi por aqui, para cumprir a sentença que me foi imposta por occasião da Conjuração Mineira, não me passou pelo pensamento que seria eu hoje um dos membros da Assembléa Geral Legislativa Constituinte do Brasil!! Louvado seja o Senhor, meu Deus".

Era José de Rezende Costa, (filho), esse homem, que Theodoro José Biencardi vira de joelhos, e de mãos postas: era o deputado para a primeira Assembléa Legislativa, que tinha de constituir o Brasil nação livre e independente, que taes palavras proferia, com lagrimas nos olhos.

A' medida que o assoalho se pregava na bôca do alçapão, José de Rezende Costa (filho) narrava a Biencardi os seus soffrimentos e os de seus companheiros de infortunio"...

Um inconfidente, que tambem viera a tomar parte na Constituinte Brasileira, em seu retorno de Portugal, em que estivera enclausurado, foi o Padre Manuel Rodrigues da Costa, no mesmo edificio da Cadeia Velha, onde estivera preso como conjuado.

A primeira Constituinte

A primeira reunião, preparatoria, da Constituinte, convocada por decreto de 3 de Junho de 1822, foi em 17 de Abril de 1823, sob a presidencia do Rev. D. José Caetano da Silva Coutinho, Bispo Capellão-mór do Rio de Janeiro, com cincoenta e tres deputados. Após cinco sessões preparatorias, abriu-se, solennemente, em 3 de Maio daquelle anno, e foi dissolvida em 12 de Novembro, sendo, nessa occasião, presos, á porta da Assembléa, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, Francisco Gé Acayaba de Montezuma, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, José Joaquim da Rocha, e, em seu domicilio, José Bonifacio de Andrada e Silva, os quaes foram, no dia 20 do referido mês, deportados para a França, a bordo de uma velha charrúa, de nome "Luconia".

No dia da dissolução da Constituinte fôra o edificio da Cadeia Velha ameaçado de imminente bombardeio. Pedro I mandara cercar todo o edificio pela fôrça e collocar peças de artilharia nas bôcas das ruas adjacentes. Os deputados, por prudencia, retiraram-se, sem protesto. Conta-se que Antonio Carlos, ao passar por uma das peças, tirou o chapéu, cumprimentando a "sobcrana do mundo"...

Sessão Legislativa

Em 6 de Maio de 1826, depois de realizadas algumas sessões preparatorias, foi solennemente installado, sob a presidencia de Luís Pereira da Nobrega de Souza Coutinho, o primeiro Congresso Legislativo do Brasil, funccionando a Camara, na Cadeia Velha, ininterruptamente, até 1914, exceptuando-se a phase da Constituinte Republicana, que effectuou suas primeiras sessões no edificio, á rua do Passeio, onde funccionava o "Casino Fluminense", depois "Club dos Diarios", e, actualmente, "Automovel Club", a qual transferiu sua séde, mais tarde, para o palacio de São Christovão, antiga residencia do Imperador, hoje Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, lapso de tempo em que a Inspectoria de Hygiene funccionou, por sua vez, no edificio da Cadeia Velha. Deste modo, assim que findou a Constituinte Republicana, passou a Camara a funcionar, outra vez, em 1891, na Cadeia Velha, a qual, ufana, como observou Vieira Fazenda, poderia dizer:

"De deputado fui, de deputado sou", como o celebre sino que tem a inscripção: "de Santa Rita sou, de Santa Rita fui"...

Esse velho edificio, pois, reclusão a principio de condemnados, sombrio scenario do martyrio de Tiradentes, tambem evoca a gloriosa actuação dos vultos que allí elaboraram e discutiram leis, e ergueram, em protestos vehementes, a eloquente voz contra a escravidão. As idéas liberaes e de democracia, dahi emanadas, na acção efficaz das figuras representativas de 1823, de 1826, de 1831, de 1840, de 1870, de 1881, de 1885, 1888 e de 1889, se integraram na obra gigantesca e prodigiosa da formação de nossa nacionalidade.

Deposito

De 1914 a 1923, o edificio da Cadeia Velha serviu, apenas, de deposito, sendo destruido, nesse ultimo anno, para, em seu lugar, ser erguido o novo e sumptuoso Palacio da Camara.

No mesmo local, em que estivera preso Tiradentes, foi erigido um bello monumento em sua homenagem, tendo merecido já igual homenagem com o levantamento de sua estatua em Ouro Preto, a antiga Villa Rica, por onde ardorosamente esse illuminado da Inconfidencia andou, em reuniões e peregrinações civicas, prégando as suas idéas de liberdade, em pról da Republica.

Monumento a Tiradentes

Não nos seria possivel dar contemporaneamente uma impressão exacta do que foi, na realidade, o edificio da Cadeia Velha. A sua descripção, porém, está feita, ao que parece fielmente, pela autorizada penna de Moreira de Azevedo: "Inteiramente isolado dos predios circumvizinhos, tem o edificio do Paço dos Deputados a face principal voltada para o Palacio Imperial, vendose no primeiro pavimento uma porta com uma escada de pedra de tres degráus e alpendre, e tres janellas de peitoril, e no segundo pavimento quatro janellas de sacada e uma de peitoril. A face que olha para a Igreja de S. José tem seis janellas de peitoril no primeiro pavimento, uma de peitoril e tres de sacada no segundo e mais acima duas janellinhas de peitoril.

Descripção do edificio

Na face fronteira á rua da Misericordia há quatro portas, e cinco janellas de peitoril no primeiro pavimento, nove janellas de sacada e duas menores de peitoril no segundo, e, no centro, um terceiro pavimento com as tres janellas da galeria.

A face opposta apresenta uma porta e oito janellas no primeiro pavimento, no segundo dez janellas de sacada, e, no centro, em terceiro pavimento, as tres janellas da galeria do mar.

Ao lado das janellas da galeria, há duas ou tres janellinhas diversas em feitio das que temos mencionado.

O edificio é um quadrado oblongo, e, pela descripção do exterior, vê-se que não pertence a nenhum genero de architectura, é uma casa sem gôsto, nem symetria, que indica o destino primitivo que teve, e o tempo em que o levantaram.

O pavimento superior é occupado pela Camara dos Deputados, abrindo-se, no centro, o salão das sessões com o throno, as cadeiras em semicirculo, as galerias de mar e terra, as tribunas da Imperatriz, dos Senadores, do corpo diplomatico, das senhoras, e mais quatro para altos funcionarios publicos. Junto desse salão há a sala dos Ministros, a sala de espera, onde se vê um busto em gesso de D. Pedro II, a sala do passeio, a do porteiro, e os aposentos da secretaria da Camara; nos sotãos do edificio trabalham as commissões da assembléa.

No pavimento terreo, occupado outr'ora pelo Correio, depois pela Typographia Nacional, que, em Setembro de 1860, foi removida para o edificio da rua da Guarda Velha, estão, desde 4 de Novembro de 1861, a Caixa Economica e o Monte do Soccorro; e para segurança de taes estabelecimentos collocaram-se grades de ferro nas janellas do lado da rua da Misericordia, e assim este edificio, feito para presos, parece ter por destino trazer varões de ferro nas portas e janellas".

Podemos accrescentar a esta descripção que o oratorio, ou Capella de Jesus, onde esteve Tiradentes, serviu, depois, para o Archivo da mesma Camara.

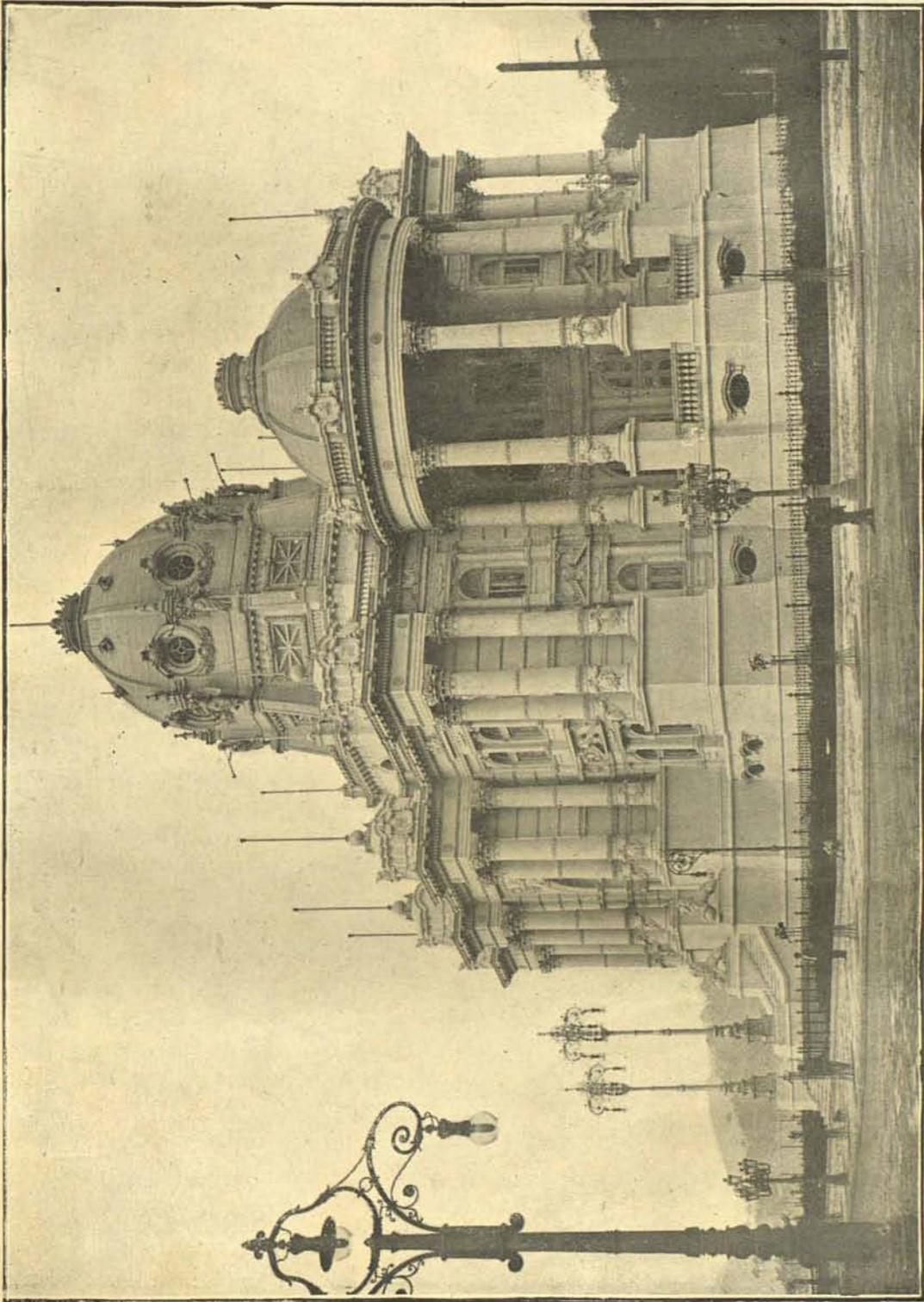
A Cadeia Velha, portanto, tem uma historia bem complexa e emocionante...

PALACIO MONRÖE

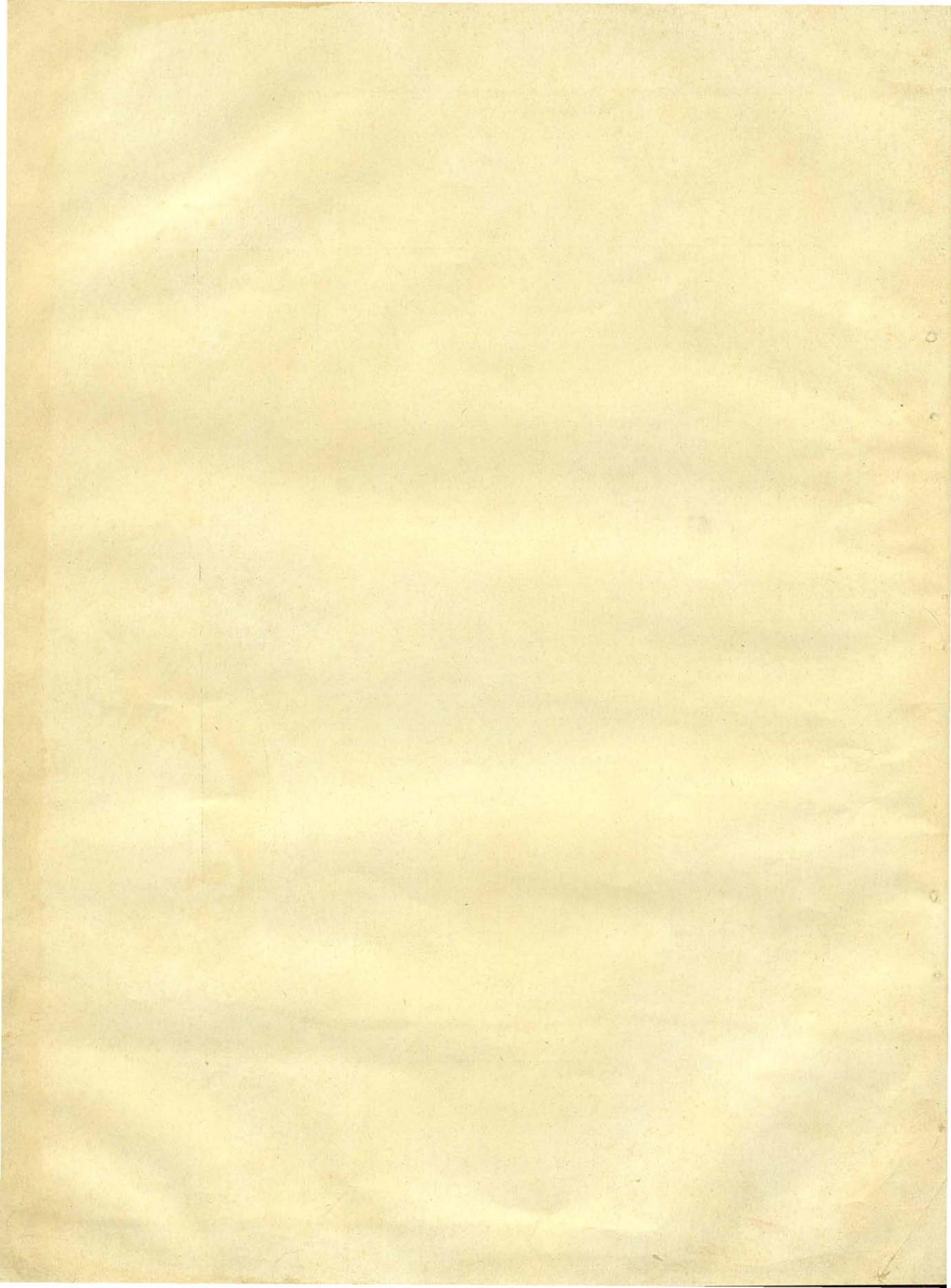
O elegante Palacio Monröe, esplendida affirmação do nosso genio artistico, situado na conjuncção das Avenidas Central, hoje Rio Branco, e Presidente Wilson, dentro de um magnifico iardim, tem o seu nome ligado ao grande presidente James Monröe, que governou os Estados Unidos da America do Norte de 1817 a 1825, com extraordinaria visualidade administrativa, e deixou famosa, no campo do Direito Internacional, a doutrina, invocada sempre, a qual repelle a intervenção da Europa nos negocios da America. A sua historia assignala uma phase de glorificação do nosso trabalho, em todas as suas modalidades, abrangendo o commercio, a industria, a agricultura, as sciencias, e as bellas artes. Foi construido esse palacio para figurar na Exposição Universal de São Luis, no Estado de Missouri, em commemoração do centenario da compra, feita á França, pelos Estados Unidos, do territorio da Luisiana. Nesse "prelio pacifico em que entraram todas as nações do mundo", no inspirado conceito de Alcindo Guanabara, o Brasil teve, acquiescendo ao convite do presidente William Mac Kinley, de 20 de Agosto de 1901, victorioso destaque, em sua prodigiosa collaboraçãõ nesse mundial emprehendimento.

Era o momento feliz em que iamõs fazer a nossa melhor propaganda no estrangeiro. Estavamos em presençã de um certame excepcional, que em muito iria contribuir para o progresso e civilização das nações mais adeantadas e cultas. Seriam alli exhibidas as riquezas de cada país, em artes, industrias, manufacturas, comprehendendo tanto os productos do solo, das minas, das florestas, como dos mares. Todos os paises, para esse prelio convidados, se fizeram promptamente representar. Como poderia a Nação brasileira perder tamanha oportunidade de affirmar o immenso poder de suas multiplas riquezas, até então, em grande parte, desconhecidas do estrangeiro? Melhor justificava o comparecimento de nosso país naquella Exposição, o facto, altamente significativo para nós, de ser a America do Norte o principal centro de consumo dos nossos mais importantes productos de exportação, bem como o do ensejo felicissimo de fazermõs uma completa exposiçãõ, aos olhos do proprio consumidor, da extensa variedade dos nossos productos, mormente da produçãõ agricola, como o café, então depreciado nos mercados estrangeiros.

Assim, o nosso governo, em mensagem de 2 de Junho de 1903, solicitou ao Congresso Nacional autorizaçãõ para abertura do credito extraordinario de 1.100:000\$000, ouro, para ser



Palacio Monróe



applicado ao pagamento de despesas com a nossa representação, no concerto universal de São Luís, despesas de construcção do pavilhão brasileiro, de propaganda, de pessoal, de transporte e outras mais.

Foi a commissão brasileira constituída, sob a chefia do engenheiro militar general de Brigada Francisco Marcellino de Sousa Aguiar, de distinctos membros, incumbidos de assistir ás secções dos departamentos, nesta conformidade: **Educação e Cultura Physica**, Dr. João Baptista da Motta; **Bellas-artes, Transportes (vias terrestres), Artes liberaes (parte referente á engenharia)**, Dr. José Americo dos Santos; **Artes liberaes**, Dr. Alfredo da Graça Couto; **Manufacturas, Florestas, Pesca e Caça, capitão de Mar e Guerra** José Carlos de Carvalho; **Machinas**, capitão-tenente João Cordeiro da Graça; **Electricidade**, Dr. Antonio Joaquim da Costa Couto; **Transportes (vias maritima e fluvial)**, capitão-tenente Altino Flavio de Miranda Correia; **Agricultura e Horticultura**, Dr. Francisco Ferreira Ramos; **Minas, Metallurgia e Economia social**, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires; **Anthropologia**, Dr. José Custodio Alves de Lima.

Esse certame produziu os melhores resultados para o Brasil, principalmente pelo optimo desempenho de sua direcção por parte do general Sousa Aguiar. Disse, a proposito, Alcindo Guanabara, elogiando a missão e os meritos do general Sousa Aguiar, na sessão solenne realizada no Palacio Monröe em 2 de Junho de 1907, para entrega dos premios aos expositores: "Era uma missão para a qual se requeriam virtudes: virtudes moraes e — quiçá mais raras — virtudes civicas. A sociedade humana — foi LAMENNAIS que o disse — é fundada sobre o sacrificio de cada homem a todos os homens, de sorte que o devotamento é a essencia de toda a verdadeira sociedade. Nunca, porém, esse conceito foi tão flagrantemente verdadeiro, como em face da missão de que o Sr. General Aguiar foi incumbido. Era preciso ter genio, sem alardea-lo; trabalhar até o sacrificio, e não medi-lo, quando as circumstancias lh'o impusessem, imprimir a tudo o cunho de sua individualidade, e dissimula-la sempre, votar-se, devotar-se, dedicar-se ao triumpho sonhado para a sua Patria, envolvendo nessa dedicação a renuncia de sua propria personalidade. Elle era, porém, o homem talhado para esse sacrificio e para essa victoria. Aos 14 annos de idade, viu-se privado dos conselhos e do arrimo paternos: entrou na vida sem outto broquel, além do seu proprio valor! Engenheiro militar aos 21 annos, encetou uma carreira cujo caracteristico mais accentuado é exatamente o devotamento ao interesse geral".

E foi esse o seu devotamento pelo Brasil, na Exposição Universal de São Luís.

Foram esboçadas no Rio de Janeiro, de par com a concepção, as linhas geraes do majestoso edificio brasileiro que figurou, com deslumbramento para o estrangeiro, na Exposição Universal de São Luís. Esse trabalho, a principio, foi objecto de acuradas reflexões, de meditada observação de quem o concebeu. Desse modo surgiu o desenho definitivo, e plano para que se pudesse reconstruir, na Capital Federal, o pavilhão do Brasil, destinado a uma exposição permanente, conforme o desejo manifestado pelo

Descripção do edificio
na Exposição Uni-
versal de São Luís

ministro da Viação Dr. Lauro Severiano Müller, sendo aproveitado o respectivo material. Logo surgiu uma difficuldade para o autor do projecto: a disparidade do estylo architectonico em relação ao meio, tão diverso do nosso, em que deveria figurar o edificio. Objectou, então, que o typo das construcções norte-americanas é inteiramente nacional, caracteristico, até porque "os americanos crearam uma architectura original, toda sua, em nada semelhante á feição a que nos acostumamos os descendentes latinos". Mas cedo foi resolvida essa difficuldade. Construiu-se o edificio, com que concorremos á Exposição de São Luís, sendo distinguido com um GRANDE PREMIO, ficando situado na area reservada ás construcções estrangeiras.

Sobrio de ornamentação, o edificio, em seu conjuncto, lembra o estylo adoptado pelos artistas franceses na phase aurea do Renascimento. Destacam-se, no edificio, rematadas por cupolas de 7m20 de diametro e 7m50 de altura, as loggias circulares accrescidas ás faces menores com 7m45 de raio. Das linhas geraes fala o victorioso planeador dessa obra magnifica, o general Sousa Aguiar: "As columnas exteriores de ordem corynthia destacavam no terço inferior as armas da Republica, flôres e aneis realçando a simplicidade dos pedestaes. Sobre o friso, correspondendo a cada columna, uma rosacea; nos intercolumnios, acompanhando a balaustrada e os remates decorativos dos angulos salientes, appareciam grandes escudos com os nomes dos Estados da União. Sobre as pilastras, ladeando as escadas principaes de ambas as fachadas, dois leões symbolizando a fôrça, a solidez e a grandeza da construcção. Pondo em destaque a cupola central, havia duas vigias em cada face, adornadas de palmas e pequenos escudos. As figuras heroicas sobre a cornija correspondiam aos intervallos dos largos paineis que em torno á galeria da base formavam falsas janellas para o interior.

O edificio era constituido de dois pavimentos, um mezzanino e o porão utilizado em parte para guarda de objectos e preparo do café servido diariamente aos visitantes. O andar inferior, além dos quadros com vistas de paisagem, construcções e estatisticas instructivas, decorando as paredes, apresentava completa exposição de café em vitrinas especiaes, algumas machinas para tratamento e escolha do grão, accionadas por motores electricos. Ao centro, sobre a armação de madeira de lei que fazia parte da mobilia expressamente preparada e remettida de São Paulo, erguia-se um verde pé de café com fructos, tambem remessa do mesmo Estado. No segundo pavimento estava o salão nobre, as salas das senhoras, as dos membros da commissão, e o escriptorio. Fôra cuidadosamente preparado com todo luxo, finas tapeçarias, cortinas e custosos moveis, como convinha á importancia de seu destino. A peça central, delicado trabalho da arte italiana, traduzia a alegria reclamada entre os convivas de nossas reuniões. Da galeria do mezzanino, cercada de elegante balaustrada e singelas columnas, se abrangiam a um tempo o conjuncto do salão e os ornatos internos da immensa aboboda. A illuminação durante o dia era farta, substituida á noite a luz intensa dos raios solares pela dos multiplos focos electricos, distribuidos nos arcos da cupola, nas linhas das molduras, ou pendentis dos paineis em candelabros de refinados lavoies".

A cerimonia de abertura da exposição effectuou-se em 30 de Abril de 1904, com a presença de quasi duzentas mil pessoas, tomando parte nessa imponente solennidade todos os representantes do Governo Federal, dos Estados, dos países estrangeiros, ao ar livre, na praça S. Luís, junto ao majestoso monumento à Luisiana.

Só em 24 de Maio daquelle anno se realizou o acto inaugural do Pavilhão brasileiro, que logo attrahiu a curiosidade dos que alli compareceram.

Foram, em 26 de Novembro do mesmo anno, prestadas as mais significativas homenagens ao presidente da Republica norte-americana Theodoro Roosevelt, no Pavilhão do Brasil. O grande presidente dirigiu, antes de deixar o edificio, entusiasticas palavras de saudação ao governo e ao povo brasileiro. Foram-lhe oferecidos, bem como á sua Exma. familia, alguns brindes, dentre os objectos expostos, em nome dos fabricantes respectivos, como lembrança de sua estadia no alludido Pavilhão. Fizera parte de sua comitiva o vice-presidente da Republica. Entre as demais pessoas, que visitaram o edificio do Brasil, encontravam-se o illustre ex-secretario de Estado John Hay, o vice-presidente da Republica do Mexico, com o respectivo embaixador em Washington, o emissario de S. S. o Papa, cardeal Sertoli, senadores e deputados ao Congresso Nacional, representantes dos Estados, commissarios estrangeiros, ministro plenipotenciario da Republica Argentina em Washington, com o commandante e officialidade da corveta **Sarmiento**, ministro plenipotenciario do Chile, em Washington, com o general Korner, o ex-ministro americano residente no Brasil, coronel Page Bryan. Ahi compareceram todos os brasileiros que estiveram, então, em São Luís, na época da feira, entre os quaes o nosso ministro em Washington, o consul brasileiro em Havre, Vieira da Silva, o aeronauta Santos Dumont, mosenhor Lustosa, os principes D. Augusto e D. Pedro, os Srs. João Monteiro e Costa Senna, e o nosso vice-consul em São Luís, o Sr. A. de Figueiredo.

Tivemos quasi sempre um representante nos Congressos reunidos, sob os auspicios da administração: assim nos de Electricidade, Viação, Leis, Geographia. Foram indicados, para o da Imprensa, os nomes de alguns jornalistas brasileiros. Para occupar o cargo de vice-presidente do Congresso, foi apresentado o Sr. José Carlos Rodrigues, tendo por companheiros, no referido certame, os jornalistas Alcindo Guanabara, Coelho Netto, Fernando Mendes de Almeida, Jovino Ayres, Manuel da Rocha, Medeiros e Albuquerque e Olavo Bilac.

Foram grandiosos os proveitos que obtivemos no certame universal de São Luís. Os frutos colhidos ahi nos deram uma eloquente lição do que nós mesmos valemos, no dominio das artes, da sciencia, e das producções naturaes. Sabe-se que foi após o nosso exito na Exposição de São Luís que o estrangeiro mais se interessou na aquisição de varios dos nossos productos. Conta o mesmo Sousa Aguiar que, de regresso, ao tocar na Bahia, teve sciencia "pelo illustre e esforçado secretario da Agricultura de continuos pedidos de informações áquelle governo sobre assumptos interessando o progresso do Estado".

Os juízos da imprensa americana, em artigos sobre o Brasil, por motivo da Exposição de São Luís, foram os mais honrosos para nós. O nosso pavilhão despertou os maiores elogios e entusiasmos. Foi contemplando-o que um grande architecto affirmou ser o pavilhão brasileiro "a perla no diadema dos edificios estrangeiros". Do aspecto geral do edificio disse o *St. Louis Republic*, de 10 de Abril de 1904: "Quem vem de Skinker road para Clayton vê surgir deante de si alvo e brilhante edificio, rodeado de graciosas columnas corynthias; encima-o gigantesca aboboda. O effeito é de fazer estacar, arrancando espontanea admiração; suas formas personificam a graça. Parado na estrada, observando, em vão se procura uma simples falha, um ponto onde a vista sinta a asperesa de uma linha, onde uma curva, uma janella, qualquer decoraçáo, enfim, desagrade: procura-se de balde.

Essa construcção representa um poema.

Aproximando-se mais, de novo pára-se para contemplar em cheio a belleza do edificio brasileiro. Elle apparece, então, imponente, bello, com as columnas lisas sem as caneluras em geral usadas, despido de apparatusos ornatos; sómente as armas do Brasil a meia altura e uma cinta proxima á base. Ellas se elevam até o telhado occulto por ornamentação singela. Percebe-se a arte em todo elle: na simplicidade de sua grandeza, na symetria das dimensões, nas columnas, nas abobodas lateraes, no zimbório, 135 pés acima do terreno".

Da inexcédível belleza do edificio brasileiro disse *The Censor*, em 5 de Maio de 1904: "o edificio brasileiro deve ser considerado a mais nobre concepção que até hoje tenha aformoseado qualquer feira mundial".

Horace Flack, no *The Post Dispatch*, de 24 de Maio do mesmo anno, assim se exprime: "O edificio do Brasil que vae ser hoje inaugurado é um dos mais bellos da exposiçáo e tambem do mundo. Bastaria que as normas seguidas no projecto e na construcção, quanto á ordem, proporções, harmonia, e, sobretudo, apropriações, fossem tomadas como norma, na vida de qualquer país para desenvolve-lo, torna-lo grandioso em tudo quanto o espirito do seu povo possa conceber e as mãos humanas executar".

Praz-nos destacar do *St. Louis Republic*, de 8 de Setembro ainda de 1904, esta referencia, tão lisonjeira para nós: "um satyrico visitante, ao assignalar a presença do Japão em São Luís, observou que esse país está arranjando vallas em todos os cantos da exposiçáo. Qualquer excursionista, examinando a admiravel exhibiçáo brasileira, bem póde paraphrasear, dizendo: — O Brasil está seduzindo o capital em cada palacio da exposiçáo.

O verdadeiro intuito, o proposito, mandando tão surprehendentes colleções, estão bem systematizados na laconica phrase do General Francisco Marcellino de Sousa Aguiar, commissario geral brasileiro na exposiçáo — o Brasil nada tem aqui para negocio, tem, entretanto, muito para mostrar".

A recepção do presidente Roosevelt foi registada, nos seguintes termos, pelo *St. Louis Globe Democrat*, de 27 de Novembro do referido anno: "O edificio brasileiro foi o primeiro a receber a comitiva com musica. Quando o presidente e o sequito appareceram na entrada principal, a banda de quarenta figuras, estacionada na loggia de leste, fez ouvir as notas do *Hail to the cheit*, e de então até deixarem o edificio, tocou diversas arias na-

cionaes, sendo a ultima a deleitar os ouvidos do Presidente o **Yankee Doodle** — No primeiro andar do edificio, a comitiva separou-se pela primeira vez. O Presidente e Mrs. Roosevelt subiram ao segundo pavimento pela escada da direita, indo Miss Roosevelt pela da esquerda. O salão superior estava repleto de flôres, vasos de plantas, e bandeiras de differentes nações, suspensas por toda parte. Após ligeira inspecção, o Presidente deparou um par de arreios e aprestos de gaúcho brasileiro, dispostos num dos cantos, e não mais desviou delles sua attenção.

Quando acabou de examina-los, o commissario geral brasileiro, General Sousa Aguiar, informou-o de que aquelles objectos lhe eram offerecidos em nome do Brasil. Foi então que sua physionomia irradiou de prazer, e expressões de reconhecimento lhe affluiram aos labios. A offerta, além dos arreios, compunha-se de lindos rebenques guarnecidos de prata, sendo um para Miss Alice, dois ponchos de sêda, uma cêsta de flôres de pennas para Mrs. Roosevelt e lindas mesas". O mesmo jornal, de 27 do referido mês e anno, accrescentou: "O Brasil galhardamente sobresahiu na recepção á distincta comitiva. Seu bello edificio estava profusamente ornamentado; todos os commissarios da nação sul-americana se achavam presentes. No pavilhão brasileiro recebeu a comitiva dadas que farão que os Roosevelts se recordem do Brasil e da exposição por toda a vida"...

O Palacio Monröe, em 23 de Julho de 1906, revestiu-se de um aspecto invulgar. Foi essa a data que assignalou, de modo indelevel, a sessão inaugural da "Terceira Conferencia Pan-Americana". O Barão do Rio Branco, no character de presidente provisorio, leu um succinto e empolgante discurso official, ao qual respondeu, em linguagem eloquente, o Sr. Ascención Esquivel, delegado da Republica de Costa Rica. Elegeu-se, pouco depois, Joaquim Nabuco para o cargo de presidente. Ainda o Barão do Rio Branco saudou as Nações que se fizeram representar, bem como os seus dignos delegados. Através de sua eloquencia diplomatica, visando sempre os fins mais elevados e patrioticos, vimos, claramente, que o objectivo das conferencias americanas era criar a opinião americana, o espirito publico americano. Em 31 de Julho, houve uma sessão solenne em homenagem ao eminente estadista Elihu Root, Secretario de Estado da America do Norte. Saudou-o, com o fulgor de sua palavra magica, Joaquim Nabuco, nosso primeiro embaixador em Washington, e que já occupava a presidencia da Conferencia Pan Americana. Teve, assim, do alto da presidencia, o ensejo de preconizar que a obra da Conferencia era uma obra de inteira solidariedade americana, e que viria concorrer para o progresso do continente, dentro da harmonia, e da paz.

Os trabalhos da Conferencia tiveram vivo relêvo e proficuidade. A sessão de encerramento foi em 27 de Agosto do referido anno. O Barão do Rio Branco, ainda desta vez, pronunciou um bellissimo discurso em torno da solidariedade americana, ou a oração de encerramento. Interpretou altamente os sentimentos de solidariedade do povo do Uruguay o Dr. Ramirez, delegado do Uruguay. Não devemos esquecer, do discurso do Barão do Rio Branco, a affirmação que o mesmo chanceller brasileiro fizera de que aquella casa, o Monröe, foi improvisada para as reuniões

3ª Conferencia Pan-Americana

pan-americanas, e a repetição do conceito de um dos membros do Congresso de que os americanos "aqui sahiram mais americanos do que vieram".

Cumpre-nos registrar, emfim, que para a prompta improvisação da casa das Conferencias Americanas, oitocentos operarios alli trabalharam ininterruptamente, moirejando dias e noites a fio, e que o nome de "Monröe", dado ao Palacio brasileiro, foi proposto pelo Barão do Rio Branco, em 2 de Agosto de 1906, em homenagem ao egregio presidente Monröe.

Medalhas e diplomas
conferidos a exposito-
res brasileiros

Na noite de 2 de Junho de 1907, no Palacio Monröe, teve brilhante realização a solennidade da entrega das medalhas e diplomas conferidos aos expositores brasileiros, no certame internacional de São Luís, nos Estados Unidos da America do Norte.

Impressionava, suggestivamente, pela extrema simplicidade, a ornamentação do ambiente dessa cerimonia, quasi toda constituida de flôres naturaes, flôres das mais lindas e viçosas, como as orchídeas, crysânthemos, camélias e angélicas.

Diante do pavilhão do Monröe, do lado da Avenida Rio Branco, formou, garboso, e com luzimento, o Batalhão do "Instituto Profissinal Masculino", o qual prestou as devidas continencias á chegada do Chefe da Nação. O busto do general Sousa Aguiar destacava-se, logo á entrada, em frente á escada principal, sob um gracioso arco, encantador, de flôres naturaes, fulgindo, na parte mais elevada, em lampadas electricas, o seguinte distico: "Salvé, General Sousa Aguiar!" Emergia o pedestal da columna, em que estava o busto, de uma cêsta de flôres naturaes, illuminada por lampadas electricas. Em fórma de semicírculo, por detrás do busto, destacavam-se cinco outras columnas, revestidas de delicadas flôres, e igualmente illuminadas de lampadas electricas. Bandas de musica do Corpo de Bombeiros e Marinheiros Navaes executavam escolhidas partituras, nos torreões lateraes do palacio. O presidente da Republica penetrou no pavilhão, ás 8 1/2 horas, acompanhado de sua Exma. esposa, do Chefe da Casa Militar e ajudantes de ordens. Estavam, alli, presentes os Ministros de Estado, Prefeito, Chefe de Policia, corpo diplomatico, representantes da imprensa, e outras pessoas gradadas. Presidiu á solennidade o Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, perante numerosa assistencia. Ao declarar iniciada a cerimonia, aquelle ministro proferiu um discurso allusivo ao acto, concedendo a palavra ao deputado e grande jornalista Alcindo Guanabara, na qualidade de orador official, que produziu uma allocução fulgurante.

Procedeu-se, depois, á distribuição das medalhas e diplomas, sendo o primeiro diploma conferido ao General Sousa Aguiar, como laureado autor e constructor do projecto do Pavilhão Monröe, que figurou na Exposição de São Luís, entregando-se-lhe, tambem, uma significativa medalha de ouro, quadrada, em caixa artistica, tendo na tampa uma linda e valiosa agua-marinha, offerecida pelos expositores, falando, em nome destes, o dr. Julio Ottoni. Commovidamente, o general Sousa Aguiar agradeceu as homenagens que no momento lhe eram prestadas. Logo após suas ultimas palavras, cem meninas, do "Instituto Profissional Feminino", do alto da rotunda central do Monröe, entoa-

ram o Hymno á Bandeira, com o acompanhamento de uma orchestra, regida pelo maestro Francisco Braga. Assim que findou a sessão solenne, teve inicio o grande concerto, dirigido por aquelle maestro.

O pessoal superior, que trabalhou em toda a construcção do Monröe, aproveitando a opportunidade, inaugurou, em uma das salas do referido edificio, por entre flôres naturaes e profusa illuminação electrica, o retrato de seu chefe, o general Sousa Aguiar, offerecendo-lhe, ao mesmo tempo, um bronze artistico.

Faz parte da historia do Palacio Monröe a passagem, pelo Brasil, em sua excursão scientifica pela America do Sul, do grande sociologo e historiador italiano Guilherme Ferrero. A obra desse preclaro homem de letras já era conhecida e apreciada em nosso meio, desde os seus magistraes estudos em Florença, onde secundou Cesar Lombroso, nos trabalhos de anthropologia criminal, escrevendo, então, **A mulher criminosa**. Já havia Ferrero tratado, em seu primeiro livro, de assumptos interessantissimos, taes como em **Il Simboli**, do symbolismo religioso e juridico. Numa aldeia alpina insulou-se, por dois meses, em consequencia do seu libello politico **Il Fenomeno Crispi e la Reazione**. Conheceu os mais variados e bellos aspectos da civilização, as mais opulentas bibliothecas, em suas demoradas estadias em meios cultos como Londres, Paris, Berlim. Dahi a divulgação de seus victoriosos estudos de observação — **L'Europa giovane, studi e viaggi nel paesi del Nord**, com os quaes denunciou a decadencia das raças latinas, cesareas e guerreiras, encomiou as sociedades industriaes germanicas e inglesas, manifestando sua sympathia pelas doutrinas collectivistas e comunistas. A sua série de conferencias, em Milão, sobre o problema militar, publicadas depois com o titulo de **Il Militarismo**, deu-lhe mais renome ainda. A Roma antiga, desde então, o impressionou vivamente, vivamente lhe absorveu o espirito de observação, e a maior parte de seus esforços Ferrero consagrou, deste modo, aos estudos que revelaram a sua originalidade de historiador, fazendo realçar, em sua obra, os factores economicos, financeiros, commerciaes, pouquissimo lugar concedendo nella aos grandes homens.

Póde-se, portanto, comprehender a causa do raro exito de seu livro immortal **Grandeza e decadencia de Roma**, obra de idéas elevadas, pontos de vistas excepçionaes, e de são humanismo.

Depois que nos visitou, escreveu um notavel livro de impressões suggestionantes, livro que, no tocante a nós, muito nos honra.

Aqui, no Monröe, foi Guilherme Ferrero saudado, em nome da Academia Brasileira de Letras, pelo escriptor Medeiros e Albuquerque. Realizou o eminente publicista italiano, em linguagem tersa e attrahente, seis luminosas conferencias, a convite daquella illustre instituição academica nacional. Nas suas tão lucidas e applaudidas conferencias, Ferrero apreciou diversos aspectos da civilização, através do passado, e do presente, da evolução mental do mundo. Os seus themas foram os mais allicinantes. A primeira conferencia foi effectuada em 26 de Setembro de 1907, sobre **A cultura latina no momento actual**; a segunda, em 30 de Setembro do mesmo anno, sobre **A corrupção e o progresso no mundo antigo e no mundo moderno**; a terceira, em 2 de Outubro,

Guilherme Ferrero

sobre Antonio e Cleópatra; a quarta, em 5 do mesmo mês e anno, sobre Julia e Tiberio; a quinta, em 8 desse mês, sobre O Imperador romano Nero; e a sexta, em 11 ainda de Outubro, sobre O Imperio, o Christianismo e o mundo moderno.

Basta a summula dos themas dessas conferencias, capitulos resplandecentes de sua sabia illustração, para bem se poder, sempre, ajuizar da triumphal jornada do genio latino pelo Brasil...

Confraternização
intellectual

Numa tarde, em 28 de Novembro de 1908, o Palacio Monröe apresentou um aspecto imponente, repleto de pessoas da nossa melhor sociedade e intellectualidade, de curiosos que enchiam até o jardim. Que se passava alli de excepcional? Ia celebrar-se, com a majestade espiritual de um convivio de personalidades de real destaque nas letras, a grande sessão de confraternização intellectual entre o Brasil, a França e a Italia. Rio Branco e Olavo Bilac representavam a nossa terra; Charles Richet, a patria de Victor Hugo; e Henrique Ferri, o grandioso país do Dante.

Não se póde esquecer essa solennidade, que tão vivas impressões deixou em nossa lembrança, que tantos sentimentos e enthusiasmos despertou. Reconstituir, ao vivo, esse quadro magnifico, é um dever, mais que da intelligencia, patriotico. Eram quatro horas da tarde. O dia estava abafadiço. No salão nobre da cerimonia, os presentes se comprimiam, ajoujados, em attitude de expectativa. O Barão do Rio Branco assumiu a presidencia da Mesa. Olavo Bilac, sendo o orador official, tinha á sua direita o eminente Charles Richet, e á sua esquerda, o grande Henrique Ferri.

A atmospheria abafava, alli dentro, cada vez mais. Rio Branco, para dar algum desafogo á sala, mandou suspender uma cortina e abrir uma janella, no mesmo instante em que Olavo Bilac se levantava para falar. Um raio de sol tocou a fronte do poeta, cariciosamente. Olavo Bilac, sentindo-o, sorriu, e disse, ao começar a sua inspirada oração:

— “Sinto-me protegido pelo céu, nesta hora em que tenho de falar entre dois gigantes; um raio de sol de minha terra toca-me a fronte — sinto-o! Bemdita seja a luz divina que, assim, desce a proteger-me!...”

Esta sagrada inspiração do poeta da *Via-Lactea* commoveu extraordinariamente a todos que, em silencio, em extase, o escutavam.

O poeta continuou o seu discurso, com a inspiração mais elevada e inflammada ainda, a voz clara e sonora, numa eloquencia formidavel, saudando a Richet e Ferri, os “dois gigantes”. Disse que o sabio francês, Richet, não veio estudar no Brasil apenas as florestas colossaes do nosso país, mas tambem essa outra immensa floresta, a floresta humana, bem mais cheia de mysterios e de problemas angustiosos.

As suas ultimas palavras mereceram os mais estrepitosos applausos de toda a assembléa.

Nessa occasião, proferiram sentidos e fluentes discursos de agradecimento, e ao mesmo tempo de saudação ao Brasil, os dois grandes sabios homenageados.

Henrique Ferri é o grande criminalista, político e publicista italiano. Desde cedo, após ter feito o curso livre de direito penal em Turim, substituiu Ellero, em 1881, na cadeira de Direito e de Processo Penal. Ensinou, depois, até 1886, na Universidade de Siena. Foi deputado ao parlamento da Italia, e com Lombroso, outro eminente criminalista, tomou parte no primeiro Congresso de Anthropologia Criminal. Dirigiu, como energico socialista, o periodico *Avanti*. Dentre as suas obras se distiuguem, pelo seu merito intrinseco, a **Theoria da imputabilidade e a negação do livre arbitrio**; Estudos sobre a criminalidade na França de 1826 a 1878; Os novos horizontes do Direito e do Processo Criminal; Socialismo e Criminalidade; o Homicidio na Sociologia Criminal; Socialismo e sciencia positiva; A Sociologia Criminal; Atlas anthropologico-estatistico; A sciencia e a vida no seculo XIX, e o famoso livro, divulgado em francês, **Os criminosos na arte e na literatura**, apparecidos todos em ordem successiva, e de conformidade com o evolvimento mental do autor. Sabe-se que Ferri foi um dos illuminados sabios do Direito que propagaram a nova escola penal, destacando-se, entre os demais, por suas theorias originaes.

Delle disse o eminente mestre Viveiros de Castro: "Henrique Ferri, o orador e polemista da escola, o homem que está sempre em brecha para responder a todas as criticas, e que na Camara dos Deputados tão brilhantemente combateu os erros do novo Codigo Penal italiano, se distingue, além de sua classificação scientifica dos criminosos, pela lei da saturação criminal e pela theoria dos substitutivos penaes." E mais ainda: "O que não se pôde negar a Ferri, além da originalidade, é a profundeza de pensamento, o methodo severo com que investiga os problemas sociaes, seus vastos estudos de psychologia, de historia, de sciencias naturaes. Emquanto os nossos criminalistas resumem sua sciencia em discutir nullidades de processo, chicanas e parvoices de rabulas de aldeia, o illustre professor de Direito Penal na Universidade de Piza descortina novos horizontes, cria a sociologia criminal, e aponta ao legislador uma série de reformas que tendem á diminuição do crime e á regeneração da especie".

Assim se explica o notorio desdobraimento dos notaveis talentos de Ferri, como psychologo, jornalista, politico, sociologo dos mais eminentes.

Pôde-se, por isso, imaginar ainda o que foi o exito, aqui, de suas oito magistraes conferencias scientificas e literarias, realizadas, perante um publico avultado e selecto, no antigo Theatro "São Pedro", hoje "João Caetano". A primeira conferencia foi feita em 17 de Novembro, sobre o thema deslumbrante **As maravilhas do século XIX**; a segunda, em 19 de Novembro, denominada **Delictos e delinquentes**; a terceira, em 21 de Novembro, sobre **Emilio Zola, artista e cidadão**; a quarta, em 22 de Novembro, sobre **A mulher como é e como será**; a quinta, em 23 de Novembro, sobre **Socialismo**; a sexta, em 25 de Novembro, sobre o thema **Pão e Amor**; a setima, em 26 de Novembro, sobre **Pio X**; e a oitava, em 27 do mesmo mês, na qual Ferri tratou, sabiamente, **Do microbio ao homem**. No dia seguinte, deixando-nos vivas sympathias, tanto pelo seu genio como pelo seu fino trato social, embarcou para a Europa o preclaro sociologo.

Carlos Roberto Richet é o grande physiologista francês, parisiense de nascimento. Desde 1887 começou a exercer o seu sublime apostolado de mestre da sciencia, como professor de Physiologia, dos mais sabios, na Academia de Medicina de Paris. E' o insigne traductor da *Circulação do Sangue*, de Harvey, apparecida em 1779. Seus trabalhos physiologicos mereceram a maior consideração da critica dos entendidos, dentre os quaes podemos citar alguns, cujos principios scientificos ainda são acceitos: *Os venenos da Intelligencia*, *Estudos experimentaes e clinicos sobre a sensibilidade*, *Estructura das circumvoluções cerebraes*, *Do succo gastrico no homem e nos animaes*, *Physiologia dos musculos*, *O homem e a intelligencia*, *Estudo de psychologia geral*, *A physiologia e a medicina*, *O calor animal*, trabalhos de laboratorios varios, a sua *Anaphilaxia* e o grande *Diccionario de Physiologia*. Mas não se fez notavel só pelos trabalhos dessa natureza; sempre foi, tambem, apreciado como delicado e imaginoso poeta e romancista, embora publicasse os seus volumes literarios com o pseudonymo de *Carlos Epheyre*. Desde 1880 entrou a dirigir a *Revista scientifica*. Seu pacifismo ditou ao publico civilizado páginas de doutrina rutilantes: *As guerras e a paz*, estudando a arbitragem internacional; *A idéa da arbitragem internacional é uma chimera?*; *A paz e o ensino pacifista*; *Fabulas e narrações pacifistas*, prefacio de Sully Prudhomme; *A Paz e a Guerra*, e tomou parte activissima na propagação das idéas de paz e arbitragem. De collaboração com Sully-Prudhomme, deu-nos ainda *O problema das causas finaes*. Com Héricourt, no campo scientifico, publicou importantes experiencias sobre o tratamento da tuberculose pelo plasma sanguineo retirado por pressão e maceração da carne crúa.

A sua grande obra, multipla e valiosissima, teve, em 1913, o mais bello triumpho, ao ser contemplada com o honroso premio Nobel.

A visita, portanto, de Ferri e Richet á nossa terra, como bem notára Olavo Bilac, constituíra, para nós brasileiros, um justo motivo de orgulho e gloria.

Significativa homenagem

Ao Palacio Monröe tambem se liga, entre os mais nobres episodios de sua historia politica, a significativa homenagem do banquete que, em 20 de Janeiro de 1908, foi offerecido á brilhante officialidade da Esquadra norte-americana, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, em triumphal viagem para o Pacifico.

Esse banquete foi offerecido, em nome do governo de nossa Patria, pelo então ministro dos Negocios Exteriores, Barão do Rio Branco. Tivemos, nessa inolvidavel cerimonia, em que reinou a maior cordialidade, o feliz ensejo de manifestar, do modo mais esplendente, os nossos sentimentos de affeição sincera e duradoura pela grande Republica da America do Norte.

Não devemos, jámais, obliterar as fulgurantes palavras, de Rio Branco, na saudação lapidar que proferiu, em linguagem precisa e florente: — "Neste banquete, offerecido pelo governo brasileiro ao almirante e officiaes da frota norte-americana, em viagem para o Pacifico, o primeiro brinde que tenho a honra de propôr é ao presidente dos Estados Unidos da America, e eu o faço, com o mais vivo prazer, congratulando-me com os nossos hospedes, por nos acharmos reunidos, neste edificio, ainda recente, mas desde logo

predestinado para theatro de expressivas manifestações de cordial amizade das duas grandes patrias americanas.

Sob esta mesma cupola, quando os Estados Unidos celebravam o centenario da compra da Luisiana, foi hospede do Brasil, por alguns momentos, em São Luís, o grande presidente, e de sua visita a esta casa conservamos, e conservaremos a grata lembrança das calorosas manifestações e do seu bondoso apreço pelo Brasil. Reerguido, mais tarde, nesta cidade do Rio de Janeiro, para a reunião da 3.^a Conferencia Internacional Americana, foi no principal salão deste edificio que o secretario de Estado, Mr. Root, pronunciou, em 31 de Julho de 1906, o notavel discurso que ficou sendo a mais completa exposição da politica continental americana. E foi aqui, naquella mesma occasião, que, em nome do governo brasileiro, annunciei que o Pavilhão do Brasil em São Luís passava a ser chamado officialmente *Palacio Monröe*, ficando assim, erguido, neste país, um monumento em honra ao famoso autor da declaração de Dezembro de 1823, a que o governo do Brasil foi o primeiro, em nosso continente, a adherir em Janeiro de 1824. A decisão do Governo brasileiro, em 1906, demonstrando seu firme empenho por uma politica de paz e de confraternização na America, foi ainda uma affirmação significativa da velha e vigorosa amizade do Brasil para com a gloriosa patria de Washington, de Monröe e de Lincoln.

E', senhores, é plenamente convencido da firmeza e constancia da reciproca amizade entre o Brasil e os Estados Unidos, que levanto o meu copo para, com todos vós, saudar o presidente Roosevelt, em quem tão nobre e perfeitamente se personificam, no alto posto que occupa, a grandeza, o poder, e a influencia mundial do povo americano."

Após a brilhante sessão com que se inaugurou o 4º Congresso Medico Latino Americano e Exposição Internacional de Hygiene, no Theatro Municipal, passou o alludido Congresso a funcionar no Palacio Monröe, de 2 a 8 de Agosto de 1909. Presidiu a esse certame, o dr. A. A. de Azevedo Sodré, secretariado pelos drs. Afranio Peixoto e Alvaro Ramos. Dividiu-se o Congresso em nove secções, nas quaes foram tratados, sabiamente, por especialistas, assumptos referentes á Anatomia e Physiologia normaes e pathologicas, Bacteriologia e Veterinaria; Cirurgia em geral, Obstetricia e Gynecologia; Medicina interna, Pediatria e Therapeutica; Hygiene, Climatologia e Demographia; Neurologia, Rhinologia, Laryngologia e Dermatologia; Chimica, Physica, Historia Natural, Pharmacologia; Engenharia sanitaria; e Odontologia. Quanto á Exposição Internacional de Hygiene, teve esta por fim apresentar ao publico apparatus, instrumentos, utensilios de applicação medica e hygienica, materiaes de construcção, pavimentação e installação sanitaria, productos alimentares em natureza ou conservados; animaes destinados á alimentação ou productores de fibras texteis, substancias e preparados chimicos, pharmaceuticos e de Laboratorio, para medicação, desinfeccção, imunização, modelos, plantas, informações, interessando directa ou indirectamente á hygiene.

Foi notavel o exito do referido Congresso, realizado pela primeira vez, em Santiago do Chile, e depois em Buenos Aires, e em Montevideo, no qual tomaram parte os representantes de quasi todas

Congresso Medico

as nações americanas. Desse certame scientifico resultou uma larga messe de importantes trabalhos, e uma forte e luzente somma de esforços e iniciativas em favor do bem commum.

Convenção religiosa

A Convenção Nacional das Associações Christãs de Moços teve, tambem, por séde o Palacio Monröe. Essa Convenção, de carácter puramente religioso, foi effectuada de 11 a 14 de Agosto de 1910. Tivemos, então, o mais feliz ensejo de apreciar como se vão desenvolvendo, progressivamente, na alma da mocidade brasileira os sentimentos altruistas e as idéas do bem e do bello, a fé em Deus e nos maravilhosos destinos do Brasil.

Festas

No edificio do Monröe, no anno de 1910, foram realizadas festas que tiveram excepcional luzimento. Em 9 de Julho desse anno, alli se effectuou o grande baile, em beneficio do Monumento á Virgem Immaculada, promovido por senhoras do nosso mais elevado escól social, taes como as exmas. senhoras Bernardina Azeredo, Francisca Mello e Carlota de Almeida. Em 23 de Agosto, houve um concorrido e animado chá-dançante, offerecido, pela Associação Brasileira de Imprensa, aos jornalistas argentinos, em sua visita ao Rio de Janeiro. A apresentação dos jornalistas portenhos foi brilhantemente feita pelo dr. Dunschee de Abranches.

O eminente escriptor Coelho Netto saudou os argentinos, em nome dos jornalistas brasileiros, numa fulgente oração de solidariedade intellectual. Em 14 de Setembro, houve uma grande recepção, concerto e baile, em homenagem ao dr. Francisco Sá, ministro da Viação, por motivo da passagem da data de seu anniversario natalicio, sendo promotores desta festa elementos de destaque em nosso meio, srs. eng. André Gustavo Paulo de Frontin, pelo *Club de Engenharia*, Dr. Jorge Street, pelo *Centro Industrial*, e Barão Ibirocahy, pela *Associação Commercial do Rio de Janeiro*. No concerto, fez-se ouvir uma orchestra de quarenta professores, sob a regencia do maestro Francisco Braga.

Em Outubro, houve dois grandes bailes, um em homenagem ao Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente eleito e reconhecido da Republica e recémchegado da Europa; e outro, em honra do Almirante Alexandrino de Alencar.

Em Novembro, houve uma linda festa, effectuada em homenagem ao eminente professor de Direito dr. Esmeraldino Bandeira, então ministro da Justiça.

Ainda em 1910, realizou-se, no Palacio Monröe, um grande banquete, de quinhentos talheres, offerecido por varios representantes da politica, das letras, do commercio e da industria, ao então deputado federal pela Bahia dr. José Joaquim Seabra. Falou, offerecendo o banquete, e realçando o brilho dessa cerimonia, o consagrado republicano Quintino Bocayuva.

Todas essas solennidades deram ao Palacio Monröe uma inolvidavel significação, na vida social do país.

Homenagem funebre

Não se póde olvidar a homenagem funebre tributada ao eminente parlamentar Dr. Germano Hasslocher, personalidade das mais illustres do Brasil, e que havia fallecido no estrangeiro, sendo seus despojos transladados para a terra natal querida. Aqui foi feita a exposição de seu corpo, no Palacio Monröe, donde sahiu o feretro para o cemiterio de São João Baptista. No Monröe, ficou o seu ataú-

de nos dias 8 e 9 de Março, tendo morrido o Dr. Germano Hassloch, em 9 de Fevereiro de 1911, em Milão, na Italia, sendo transportado, para o nosso país, a bordo do paquete "Tomaso de Savoia". A Camara ardente foi visitada pelos representantes de todas as nossas instituições politicas e sociaes, numa verdadeira romaria de crentes do seu prestigio, nas letras e na politica, bem como do talento e do patriotismo desse inolvidavel representante do Rio Grande do Sul, notavel orador, de quem disse James Darcy que era de uma "alta originalidade, a um tempo sensata e paradoxal."

No edificio do Palacio Monröe, para engrandecimento de sua historia, tambem funcionou, embora algumas semanas, no anno de 1911, o Ministerio da Viação. Era ministro da respectiva pasta o Dr. J. J. Seabra, estando na presidencia da Republica o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. O edificio do Ministerio estava em obras, e, em quanto estas eram realizadas, no Monröe se executava o expediente dos negocios da Viação.

Ministerio da Viação

Pela primeira vez, em nossa terra, se realizou um benefico certame em pról da cultura juridica das Nações Americanas.

Pela cultura juridica das nações americanas

A séde escolhida para esse radioso tentame, para essa opportuna iniciativa, foi a do Palacio Monröe. Reuniu-se, alli, em primeira e unica sessão preparatoria, em 26 de Junho de 1912, o Congresso Internacional de Jurisconsultos. Como delegado brasileiro nesse Congresso, o Dr. Epitacio Pessoa propôs para a presidencia dos respectivos trabalhos, provisoriamente, o senador Dr. Victor Manuel Castillo, delegado do Mexico. No dia seguinte effectuouse, com todo o exito que era de esperar, a sessão solenne de inauguração, sendo convidado a assumir a presidencia do mesmo Congresso o Barão do Rio Branco, ministro dos Estrangeiros.

O objectivo dessa solennidade estava já evidenciado desde o convite circular, do nosso ministro do Exterior, em nome do governo brasileiro, ao nosso embaixador em Washington e ás Legações na America, de 28 de Setembro de 1911. A proposta do Governo Americano fôra feita, para que se levasse a effeito a 1.ª reunião do Congresso Internacional de Jurisconsultos, em 22 de Abril de 1912, data da abertura dos respectivos trabalhos, após a deliberação da Terceira Conferencia Inter-Americana. Indicou-se para o lugar da reunião, o Rio de Janeiro. Que pretendia o Congresso? Tratar, superiormente, da organização de dois Codigos, que servissem para reger as relações de Direito Publico e Direito Privado entre os países do Continente. Afim de facilitar, tanto quanto possivel, e concorrer de modo decisivo e prompto para a sua execução, o governo brasileiro cumpriu, antecipadamente, o louvavel desempenho da elaboração consciente e justa dos projectos dos alludidos Codigos. A preparação dos projectos tinha sido, acertadamente, confiada a mentalidades nacionaes, que muito se distinguiram na época pelo seu saber notavel. Os consumados juristas, conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira e o Dr. Epitacio Pessoa, organizaram os dous projectos, o primeiro o de Direito Internacional Privado e o segundo o de Direito Internacional Publico.

Foram pelo nosso governo, a principio, considerados os projectos como simples bases destinadas a harmonizar, o mais que se pudesse, as intenções politicas e expressão da cultura juridica das Nações Americanas, abrangendo, assim, as mais recentes conquistas do Direito Internacional.

Congresso operario

Installou-se, em 7 de Novembro de 1912, no Palacio Monröe, o 4º Congresso Operario Brasileiro, ao qual adheriram varias associações operarias do Brasil, idealizado e presidido pelo então 1º tenente Mario Hermes, deputado federal pela Bahia, tendo como secretario geral Antonio Augusto Pinto Machado. Desse democratico certame sahiram as bases para a constituição da Confederação Brasileira do Trabalho, tendo por objectivo supremo promover os meios efficazes de constante melhoramento das "condições economicas, sociaes, intellectuaes e moraes do proletariado". Os pontos capitaes do programma inicial da Confederação foram acceitos, por corresponderem ás necessidades dos operarios, beneficiando-lhes as condições de vida, convertendo-se muitos desses pontos em projectos que se tornaram leis, que ainda se acham em vigor. Entre os principaes, é para salientar o que se refere á redução do horario normal de trabalho a oito horas por dia; descanso semanal obrigatorio para todas as categorias de operarios e trabalhadores; indemnização ás victimas dos sinistros no trabalho; regulamentação do trabalho nas fabricas, limitação do trabalho das mulheres e menores, prohibição absoluta do trabalho nas fabricas ás crianças inferiores a quatorze annos de idade; seguro obrigatorio (com participação nas despesas do estado dos patrões e dos operarios e trabalhadores) para indemnizar os proletarios nos casos de doença e de desocupação forçada, e para lhes dar pensões na velhice, e nos casos de invalidez para o trabalho; e substituição do contracto colectivo ao contracto individual de trabalho.

Os resultados desse Congresso foram os melhores, os mais praticos, e da mais indiscutivel proficuidade, concorrendo, como tem amplamente concorrido, para melhorar a situação do proletariado nacional.

A sessão solenne de encerramento effectuou-se, na mesma séde, em 15 de Novembro daquelle anno, ainda sob a presidencia do deputado Mario Hermes, após a leitura de importantes pareceres e monographias dos delegados de associações que tomaram parte no alludido Congresso.

Formatura

Serviu tambem o elegante ex-pavilhão de S. Luís de esplendido scenario para a formatura solennissima dos doutores em medicina de 1912, á noite de 29 de Dezembro, paranympados pelo prof. Aloysio de Castro. Presidiu ao acto o director Azevedo Sodré, presentes o corpo diplomatico, as altas autoridades da Republica, inclusive o ministro da Justiça de então, Dr. Rivadavia Correia, e a grande maioria da Congregação da Faculdade de Medicina, envergando as suas becas e insignias academicas, bem como os directores e professores dos demais institutos de ensino superior. Após a collação do gráu a todos os diplomados e as allocuções do presidente do acto e do ministro que superintendia a instrucção, e uma vez concluidos os discursos do paranympo e do orador da numerosa turma diplomada, seguiu-se imponente recepção e baile.

Consagração de um estadista

De volta de sua solenne visita official dos Estados Unidos, onde foi retribuir identica visita do Secretario do Estado Elihu Root ao Brasil, foi no Palacio Monröe que culminaram as gran

des demonstrações feitas ao chanceller Lauro Müller, o successor do Barão do Rio Branco na pasta em que este se cobriu de glórias, á sua chegada, no couraçado "Minas Geraes". A grande recepção, desde o mar, terminou alli, com os discursos de saudação do Sr. Paulo de Frontin, em nome do povo da capital, e do bacharel João Carlos Machado, em nome do Centro Academico Republicano Pinheiro Machado e da mocidade, e a resposta do homenageado, que se retirou acompanhado ainda de um luzido cortejo de altas personalidades e da massa popular, acclamando o estadista republicano, cuja candidatura á presidencia da Republica era então considerada certa, para a successão do Marechal Hermes.

A' noite deste mesmo dia, 16 de Agosto de 1913, abriram-se, feericos os salões do Monröe, para a grande, a imponente manifestação politica e mundana ao illustre Ministro das Relações Exteriores. Deante do presidente da Republica, casas civil e militar respectivas, ministros de Estado, Camara e Senado, ministro do Supremo Tribunal, todo o corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado e o que a sociedade carioca tem de mais selecto, pronunciou eloquente discurso de saudação o orador official, dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, offerecendo ao homenageado, em artistico bronze, o symbolo da "Immortalidade". O discurso então proferido pelo sr. Lauro Müller, em agradecimento, peça notavel como eloquencia e affirmação politica, foi mais tarde publicada em um livro, sob o titulo de "Ideaes Republicanos", muito concorrendo para a entrada do seu autor na Academia Brasileira de Letras.

A idéa da mudança da Camara para o Monröe foi suscitada, na sessão de 31 de Agosto de 1914, pelo presidente da mesma sessão, Sr. Soares dos Santos, 1.º vice-presidente da Camara. Suas palavras documentam essa mudança da Cadeia Velha para o Monröe, nos seguintes termos:

A mudança da Camara
para o Monröe

"O Snr. Presidente — Antes de dar a palavra, ao primeiro orador inscripto preciso prevenir aos Srs. Deputados que, tendo chegado ao conhecimento da Mesa algumas reclamações contra as condições em que se encontra o actual edificio onde está funcionando a Camara, a Mesa tomou a providencia de solicitar uma vistoria por parte do engenheiro do Ministerio do Interior.

O laudo deste não assignala propriamente que o edificio se encontra em ruinas; todavia elle não garante a solidez do mesmo edificio para o bom funcionamento dos nossos trabalhos.

Nestas condições a Mesa adoptou o alvitre de procurar fazer a mudança da Camara, de modo a não serem interrompidos os seus trabalhos; e, desde logo, as suas vistas se voltaram para o Palacio Monröe.

Devo trazer ao conhecimento da Camara que, em conferencia que acabo de ter com o Sr. Presidente da Republica, encontrei da parte de S. Ex. a melhor boa vontade quanto a esse **desideratum**, devendo ainda dizer que por S. Ex. foi feita a communição official ao Sr. Ministro da Viação, afim de que fosse entregue aquelle palacio ao Presidente da Camara.

Em taes condições, espero que todos os Srs. Deputados approvem a iniciativa tomada pela Mesa da Camara.

E, assim sendo, conto muito breve effectuar a mudança da Camara para o citado Palacio Monröe.”

Esta idéa teve completa execução.

Assim, no dia 2 de Setembro daquelle anno se realizava a ultima sessão na Cadeia Velha. A mudança foi effectuada do dia seguinte até 11 do alludido mês. No dia 12 de Setembro de 1914 se realizava a primeira sessão no Monröe.

Recepção do rei
Alberto I

Ainda no edificio do Palacio Monröe, a Camara dos Deputados realizou, em 20 de Setembro de 1920, uma grande sessão solenne, de rara imponencia, para receber S. M. o Rei Alberto I, da Belgica. Foram, nessa cerimonia, pelos membros do Congresso Nacional, apresentados os cumprimentos de boas vindas, e, ao mesmo tempo, de agradecimentos á manifestação de carinho, de elevada sympathia e amizade com que S. M. distinguui a nossa patria. Presidiram a essa solennidade o vice-presidente do Senado, Sr. Antonio Azeredo, e o presidente da Camara, Sr. Bueno Brandão, que nomearam, em antes, duas commissões, sendo uma de senadores, e outra de deputados, afim de receberem S. M., á entrada do edificio, e o acompanharem até ao recinto. Ficou a commissão de senadores constituída dos Srs. Octacilio Camará, Lopes Gonçalves, Euzebio de Andrade, Gonzaga Jayme e Antonio Massa; e a de deputados, dos Srs. Antonio Nogueira, Carlos de Campos, Celso Bayma, Cunha Machado e Severiano Marques.

A approximação de S. M., a uma hora daquelle dia, foi annunciada por bandas de musica, collocadas na entrada do Palacio Monröe, tocando o Hymno brasileiro e a Brabançonne. Alli chegou o Rei Alberto em companhia do presidente da Republica, Dr. Epitacio Pessôa, ministro da Justiça Alfredo Pinto, general Tasso Fragoso, general Silva Pessôa, Max Leo Gerard, secretario de S. M., coronel Pilkens, ministro Barros Moreira, e de muitas outras pessôas do escol da nossa politica, das nossas lettras, da nossa sociedade.

Estava o edificio repleto de distinctas senhoras e cavalheiros de destaque em nosso meio social, e ostentava profusa ornamentação de lindas flôres naturaes.

S. M. foi recebido com uma entusiastica salva de palmas. Saudou-o, em nome do Senado, o Sr. Antonio Azeredo, que produziu uma imaginosa e vibrante saudação. Falou, em nome da Camara, o Sr. Bueno Brandão, que proferiu um scintillante discurso, repassado do sentimento de confraternização entre a Belgica e o Brasil.

Provocou, por fim, um vivissimo enthusiasmo na assistencia, com applausos geraes, a qual se conservou toda de pé, o discurso, proferido por S. M. o Rei Alberto, accentuando, ab initio, que se sentia profundamente feliz de saudar os representantes eleitos do povo brasileiro, e de exprimir seu sincero sentimento de gratidão pelo acolhimento recebido por parte do Congresso Nacional.

Esta solennidade ficou verdadeiramente indelevel nos anaes da nossa mais alta representação politica.

No Palacio Monröe, em que ainda funcionava a Camara dos Deputados, effectuou-se, em 8 de Junho de 1921, a Convenção Nacional, para escolha dos candidatos á chefia da Nação, no quadriennio de 1922 a 1926. Antes se havia organizado a base para o estabelecimento do quantum da representação dos diversos partidos politicos do país, dando a cada Estado tres delegados fixos, sendo dois para as respectivas maiorias, e um para as minorias, e um delegado por cada cinco mil votos, ou fracção de cinco mil, nunca inferior a mil, dados aos candidatos á renovação do Congresso, no ultimo pleito federal. A reunião foi presidida pelos srs. senador Antonio Azeredo e deputado Arnolpho Azevedo, servindo de secretarios os srs. Affonso Camargo, Raul Barroso, João Thomé e Cunha Pedroza, representantes, respectivamente, do Paraná, Districto Federal, Ceará e Parahyba.

A votação foi nominal e conjuncta. Obtiveram votos, para candidato á Presidencia da Republica, os Srs. Arthur Bernardes, 189, e Ruy Barbosa 2; para candidato á Vice-Presidencia, obtiveram votos os Srs. Urbano Santos, 143; J. J. Seabra, 38; José Bezerra, 17; Felix Pacheco, 1; e Borges de Medeiros, 1.

Foram proclamados, ante a assembléa de pé, candidatos á Presidencia da Republica e Vice-Presidencia, respectivamente, os Srs. Arthur Bernardes e Urbano Santos, para o quadriennio de 1922 a 1926.

O edificio do Palacio Monröe serviu de séde para ahi ser installada a Commissão Executiva do Centenario da Independencia do Brasil, com os seus escriptorios, de par com os serviços da Exposição Internacional do mesmo Centenario, em Junho de 1922. O Pavilhão ficou, deste modo, no recinto da Exposição, dando ao certame um inconfundivel aspecto de belleza, por suas linhas architectonicas, e pelo esplendor de suas disposições artisticas. Foram alli realizadas todas as reuniões da Commissão que dirigiu toda a commemoração a cargo do Governo Federal, sendo immenso o movimento de visitantes nacionaes e estrangeiros. Sómente em 15 de Novembro de 1922 se procedeu ao encerramento dos trabalhos da Commissão Executiva, mas proseguiram, ainda, os da Commissão da Exposição, até ao encerramento definitivo desta, em Setembro de 1923.

Esteve assim constituida a Commissão Executiva do Centenario: presidentes — o ministro da Justiça, Dr. Ferreira Chaves; ministro da Agricultura, Dr. Simões Lopes, e prefeito do Districto Federal, Dr. Carlos Sampaio. Serviu de secretario geral o Dr. João Baptista de Mello e Souza, e de thesoureiro, o Dr. Manuel Alencar Guimarães.

E' de todos sabido o modo por que se houve a alludida Commissão, no desempenho do que lhe cumpria realizar, por sentimento de amor á Patria, concorrendo, efficazmente, para maior refulgencia das festas commemorativas do primeiro centenario de nossa emancipação politica.

No governo do Dr. Arthur Bernardes, Presidente da Republica, estando na pasta da Justiça e Negocios Interiores o Dr. João Luiz Alves, foram por autorização expressa da Mesa do Senado, de 30 de Junho de 1923, executadas as grandes obras de adaptação do edificio do Palacio Monröe, para séde desse importan-

Convenção Política
de 1921



Exposição Internacio-
nal do Centenario

Adaptação do Mon-
röe ao Senado

te casa do Congresso Nacional. Só em 27 de Abril de 1925 foram taes obras inauguradas, sendo, então, ministro da Justiça e Negocios Interiores, o Dr. Affonso Penna Junior. Occupava, nessa occasião, o alto cargo de presidente do Senado o Dr. Estacio de Albuquerque Coimbra, vice-presidente da Republica; o de vice-presidente o Dr. Antonio Francisco de Azeredo; 1º secretario, senador Manuel Joaquim de Mendonça Martins; 2º secretario, senador Sylverio José Nery; 3º secretario, senador José Pires Rebello; 4º secretario, senador José Joaquim Pereira Lobo. A' entrada do primeiro pavimento, foram collocadas duas placas de bronze, com significativos dizeres, commemorativas da terminação das obras de adaptação do alludido edificio para séde do Senado Federal.

O edificio foi inteiramente remodelado. Póde-se dizer, rigorosamente falando, que só foram aproveitadas do antigo edificio as paredes externas, tendo sido dividido o mesmo de conformidade com as necessidades do Senado. Do novo edificio se deprehen- de esta divisão: pavimento terreo, em que se encontra a Portaria, sala de chapéos, Archivo, Correio e Telegrapho; primciro pavimento, com dois terraços lateraes, no qual se encontram o hall de entrada, a Secretaria, o Gabinete do director e vice-director da Secretaria, as salas destinadas ás diversas commissões, salão nobre e a Bibliotheca; no segundo pavimento: a grande sala das sessões do Senado, gabinetes do vice-presidente da Republica e vice-presidente do Senado, gabinetes dos secretarios do Senado, e salas de leitura, café, e para os senadores. Há sobre o edificio um amplo terraço. Tem-se acesso a todos os pavimentos, por meio de tres elevadores. Importaram em mais de cinco mil contos as obras de adaptação do edificio, inclusive as tapeçarias, mobiliario, alfaias, obras de arte, e outros objectos de adorno. A fachada foi toda modificada, sendo tirados os excessos de ornatos, apenas pintada na côr de granito.

Em 3 de Maio de 1925, procedeu-se á installação solenne do Congresso Nacional, passando a funcionar no edificio do Monröe, assim adaptado, dahi por deante, definitivamente, o Senado, com o merecido conforto e aspecto de severidade e sobriedade.

Convenção politica
de 1925

O problema da successão presidencial em 1925 foi plenamente resolvido, com a victoria da Convenção politica dos representantes das municipalidades brasileiras, realizada em 12 de Setembro daquelle anno, no recinto do Senado, em sua nova séde do Palacio Monröe. Essa Convenção Nacional indicou aos suffragios do eleitorado os nomes dos Drs. Washington Luís Pereira de Sousa e Fernando de Mello Vianna, para presidente e vice-presidente da Republica no proximo quadriennio de 1926 a 1930, sendo a Convenção presidida pelo Dr. Estacio Coimbra, representante de Pernambuco, secretariado pelos Srs. Vespucio de Abreu, Humberto Pentanha, Vital Soares e Mario Corrêa, delegados do Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Bahia e Matto Grosso. O sr. Estacio Coimbra, em agradecimento á distincção de ter sido proclamado, pela proposta do sr. Antonio Azeredo, presidente da Convenção, proferiu um patriotico discurso, no qual tambem louvou o novo systema de escolha dos candidatos á successão presidencial, achando que sahirnos do antigo methodo das convenções de congressistas para o molde da actual, era "in-

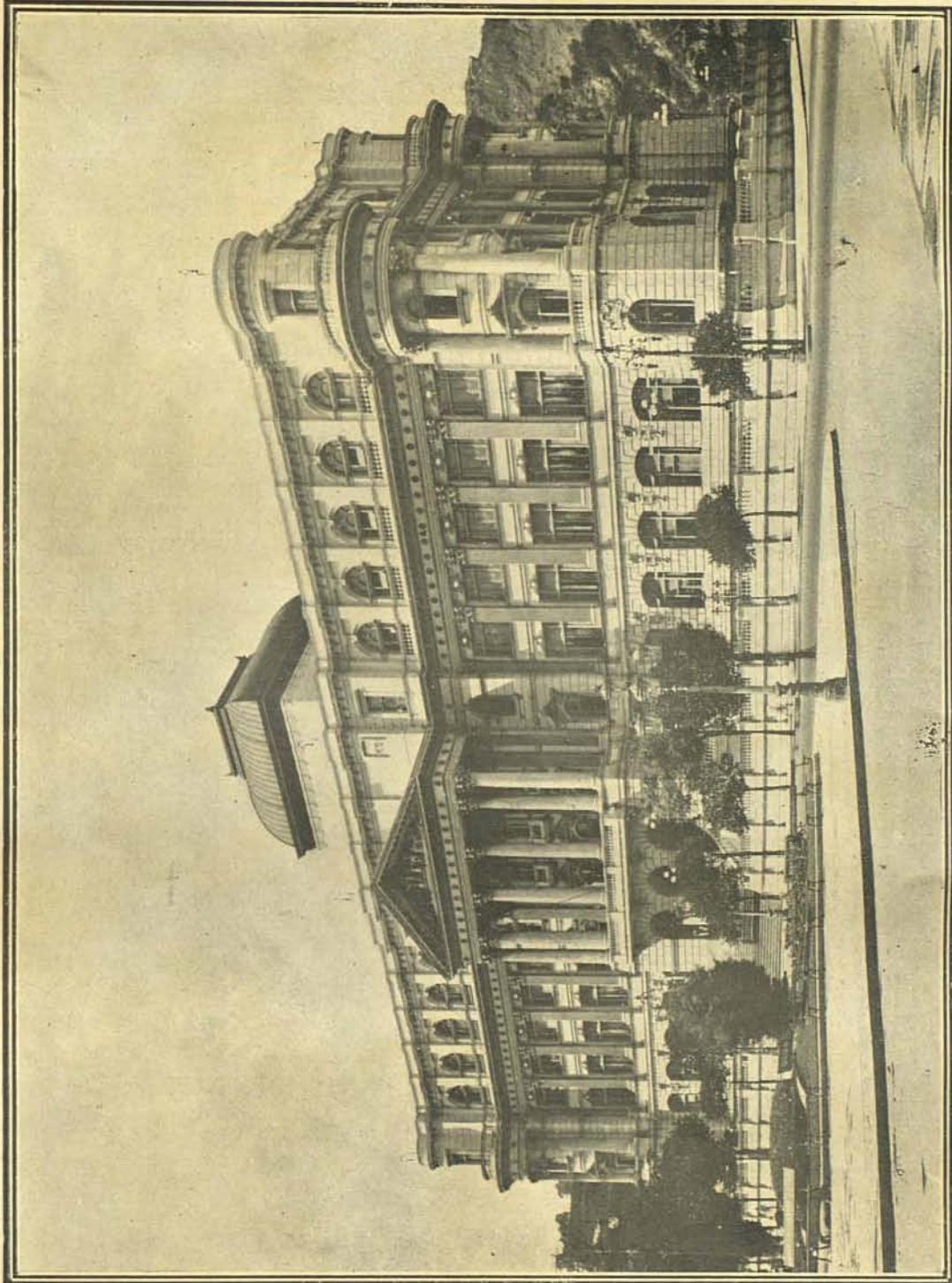
contestavelmente, um progresso na rota, que mais tarde será tri-
lhada com as vantagens evidentes de «caracter politico e moral». Por
proposta do Senador Antonio Azeredo, foi a votação dos conven-
cionaes dada pelo methodo oral. Assim, declarou cada conven-
cional votar no Sr. Washington Luis e no Sr. Fernando de Mel-
lo Vianna, respectivamente, para presidente e vice-presidente da
Republica, não havendo uma só divergencia. Os suffragios, em
numero de 61, foram apurados pelo Sr. Estacio Coimbra, presi-
dente da Convenção, dados, com espontaneidade e clareza, pelos
representantes, alli presentes, das municipalidades brasileiras.

Em seguida, o sr. Estacio Coimbra, levantando-se, com to-
dos os convencionaes, proclamou os dois eminentes brasileiros
candidatos da Convenção Nacional, e procedeu á leitura do bole-
tim apresentando as duas candidaturas á Nação. Assignado o
boletim, pelos convencionaes, usaram da palavra os srs. Mario
Mattos, Antonio Azeredo, Herculano de Freitas, Bueno Bran-
dão, Gilberto Amado e Paulo de Frontin.

E' mister registrar que a idéa da escolha dos representantes
alludidos partiu do Dr. Fernando de Mello Vianna, então presi-
dente do Estado de Minas Geraes, que propôs cada Estado ef-
fectuasse uma convenção de suas municipalidades para que dele-
gassem poderes a tres representantes seus, afim de tomarem par-
te na Convenção Nacional, e suffragarem os nomes dos que pro-
ximamente deveriam presidir aos destinos da Republica, estabe-
lecendo assim, entre os grandes e pequenos Estados, um perfeito
principio de igualdade politica.

O exito da Convenção, portanto, não podia ser mais com-
pleto.

Deste modo finalizamos o capitulo referente ao Palacio Mon-
röe, sem a omissão de nenhum dos factos no mesmo occorridos.



Bibliotheca Nacional

BIBLIOTHECA NACIONAL

A historia da Bibliotheca Nacional é interessante e da maxima importancia para o evolvimento das nossas letras. A sua origem é remota, e deve despertar a curiosidade de todos os que sinceramente amam as raridades do espirito, e foi, em grande parte, o escopo de nossa educação mental. Não são poucas as gerações de intellectuaes que se têm abeberado daquella immensa e inexgottavel fonte de saber, haurindo ahi os mais proveitosos e bellos ensinamentos. Uma bibliotheca é sempre a mais eloquente demonstração de desenvolvimento intellectual e moral de um povo. E' um fóco maravilhoso de irradiação das idéas e sentimentos dos que attingirem a plenitude da gloria pelo prestigio e fulgor da intelligencia, cuja hegemonia é eterna. Entre os povos de mais antiga civilização, como os orientaes, houve sempre a evidenciação do mais notorio saber. Houve, até, quem, como um Sargão, formasse, em Uruk, uma bibliotheca escripta em tijolos cozidos. E que diremos da expansão das bibliothecas, no mundo inteiro, em obras de todos os idiomas, principalmente após o advento do periodo aureo da civilização occidental, que foi o Renascimento? O Brasil, felizmente, desde cedo, cogitou da installação de uma bibliotheca das mais seleccionadas e das mais opulentas do mundo, em arte, em sciencia, em philosophia. A "Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro" originou-se da Livraria organizada por D. José I, Rei de Portugal, no intuito de substituir a "Real Bibliotheca da Ajuda", destruida em virtude do terremoto de Lisbôa, em 1º de Novembro de 1755.

Essa Bibliotheca foi trazida para o Rio de Janeiro, por D. João VI, então príncipe regente, quando esse grande vulto da historia para aqui se transplantou, acompanhado da Rainha D. Maria e de toda a familia real, para fugir á invasão dos franceses, em Portugal, commandados por Junot, em fins de 1807, e principios de 1808. Sabe-se que a essa Bibliotheca, da "Ajuda", fôra addicionada a rica e numerosa livraria do erudito abbade de Santo Adrião de Sevér, Diogo Barbosa Machado, benedictinamente formada, e offerecida, entre os annos de 1770 a 1773, a D. José.

Foi, então, escolhida para a Bibliotheca Publica a Casa do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, á rua **Direita**, hoje **1º de Março**, em 1810, datando dahi a sua fundação, havendo, para esse fim, o Conde de Aguiar, ministro do Reino, determinado á Ordem Terceira, em Aviso de 23 de Junho daquelle anno, a remoção dos doentes para as lojas do mesmo edificio.

Por Dec. de 27 de Junho foi ordenada a installação da Bibliotheca nas casas do Hospital e por Decreto de 29 de Outubro de 1810 mandou o príncipe regente que se accommodasse a livraria no lugar que havia servido de catacumba dos Religiosos do Carmo.

Conforme ordem do conde de Aguiar, e em nome do príncipe regente, datada de 3 de Dezembro de 1811, foi ella facultada não ao publico indistinctamente, mas ás pessoas estudiosas. Só em 1814 foi aberta ao publico.

Como era insufficiente o pavimento superior do edificio, para a completa accommodação de todos os livros da custosa bibliotheca real, ordenou o governo fosse desoccupado o recolhimento do Parto e mandou para ahi transferir os doentes, por aviso de 3 de Novembro de 1812. Assim ficaram vazias as lojas do edificio da Bibliotheca, em quanto ficou o edificio do vetusto recolhimento do Parto a servir de Hospital da Ordem do Carmo.

A Bibliotheca ficou unida ao Palacio Real por um passadiço, que atravessava o corredor que separava a Capella Imperial da Igreja do Carmo. Era por ahi que, quando queriam consultar os livros de sua escolha, passavam o rei e os principes.

Muitas foram, desde esses tempos, as obras adquiridas e doadas á Bibliotheca.

Em 23 de Abril de 1853, por decreto, foi nomeado bibliothecario o digno monge beneditino Rev. Padre-mestre Fr. Camillo de Monserrat, a quem coube a iniciativa da transferencia da mesma Bibliotheca para a casa do Largo da Lapa do Desterro n. 70, onde foi depois soerguido o sumptuoso edificio do Instituto Nacional de Musica. Essa casa foi adquirida a João Pereira da Rocha Vianna, por cento e vinte e cinco apolices de um conto de réis cada uma, durando tres annos a obra de adaptação para a Bibliotheca. A mudança dos livros foi determinada por ser pequeno e improprio o edificio da Ordem do Carmo.

Só em 4 de Agosto de 1858, foi a Bibliotheca franqueada ao publico. O novo edificio de sua installação constava de tres pavimentos, junto ao "Casino Fluminense", actualmente "Automovel Club", e era solidamente construido, embora sem belleza architectonica, mas que offerecia condições de largueza para accommodar toda a Bibliotheca.

A Bibliotheca avolumou-se mais e mais, até que o proprio da Lapa se tornou, como o do Carmo, tambem mesquinho para conter tantas preciosidades.

A Bibliotheca reclamava um predio mais vasto, para sua mais confortavel e artistica installação, de conformidade com o seu prodigioso desenvolvimento ou com a riqueza de novos livros.

Não podia continuar localizada entre edificios que por sua natureza constituíam perigo de incendio para a Bibliotheca. Na qualidade de seu dedicado e illustre director, o dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, em successivos relatorios, suggeriu importantes medidas, chamando constantemente a attenção dos poderes publicos, fazendo appello aos seus sentimentos patrioticos, para que fosse dado á Bibliotheca um edificio apropriado e definitivo.

Deste modo, manifestou-se contra a idéa da adaptação do Theatro de São Pedro de Alcantara, para esse fim, bem como da aquisição de dois predios á rua da Gloria, offerecidos então ao governo. Desde o seu relatorio de 1900, esforçou-se aquelle director pela realização desse ideal, insistindo na melhor construção do edificio da Bibliotheca, amplo e isolado, com toda a commodidade, solicitando neste sentido, providencias officiaes; lembrou, em 1901 que já dispunha o governo de autorização legis-

lativa para a aquisição e construção de estabelecimentos públicos, e deveria o governo promover o empreendimento das obras de instalação, defesa e segurança da Bibliotheca. Em 1903, já sendo ministro da Justiça o dr. José Joaquim Seabra, consignou o orçamento da Receita a verba destinada a essa grande obra. E só no anno seguinte resolveu o governo mandar construir o edificio apropriado para a definitiva instalação da maior Bibliotheca brasileira. Como não offerecesse espaço sufficiente o local a principio escolhido, na Praça da Republica, angulo da Rua Visconde do Rio Branco, lançou o director dr. Cicero Peregrino sua vista para a Avenida Central, onde encontrara um terreno, no angulo norte da Rua Barão de São Gonçalo, hoje Almirante Barroso, ao lado do Morro do Castello, medindo 45 metros de frente para a Avenida e 85 de fundo. Não offerecia esse terreno, porém, todas as condições necessarias á instalação da Bibliotheca, principalmente por se ter dado applicação differente a uma parte do mesmo. Decidiu-se escolher um outro, muito maior, na Avenida, no ponto em que a Avenida se confunde com o largo fronteiro do Theatro Municipal. O ministro da Industria, Viação e Obras Publicas acquiesceu da melhor vontade, e o dr. Paulo de Frontin, chefe da comissão constructora da Avenida, prestou todo o apoio á concessão solicitada.

Uma vez escolhido o local definitivo, ficou o general Francisco Marcellino de Souza Aguiar incumbido da elaboração do plano de construção do edificio projectado.

Como documento lapidar, por sua clareza e absoluta exactidão, é digno de registro o seguinte trecho do relatorio apresentado pelo dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva ao ministro J. J. Seabra, em 1905:

“Ao grande edificio projectado pelo Sr. General Marcellino de Souza Aguiar em satisfação á encommenda que lhe fizestes não poderia convir o terreno que a tal fim estava destinado, na esquina da rua Barão de São Gonçalo, pois pela sua configuração exigiria que deitasse para esta rua e não para a Avenida Central a fachada principal. Foi ssim necessaria a substituição com que concordastes e a que accederam o Sr. Ministro da Industria e o Chefe da Comissão constructora da Avenida, destinando-se á Bibliotheca, desta vez definitivamente, um terreno muito maior, com cerca de 100 metros de frente por 75 de fundo, situado no ponto em que a Avenida se confunde com o largo fronteiro ao Theatro Municipal em construção. Parte do terreno ainda tinha de ser conquistado ao morro do Castello como vai sendo, mas não poderia ser outro o local, porque só numa praça poderia ficar o edificio recuado do alinhamento, como tinha de ser, para dar lugar á escadaria externa, que na largura commum da Avenida não era permittida pela respectiva comissão.

Autorizado a conferenciar com o Sr. General Sousa Aguiar, tive occasião de lhe expor as condições que no meu entender o edificio deveria preencher, consultando as necessidades do estabelecimento a que se destina. Já se achando porém organizado o projecto, procurei concentrar os meus esforços no sentido de obter que fosse accrescentado um salão de leitura para 200 pessoas, sem estantes, fazendo-se para isto um pavilhão distincto, que não podendo ser central, dada a fórma do edi-

A pedra fundamental
do edificio da
Bibliotheca

ficio, ficasse situado em parte no interior do edificio e em parte fóra d'elle, a exemplo do que acontece com a sala de leitura da Bibliotheca da Universidade de Leipzig, um dos melhores edificios modernamente construidos para bibliothecas.

O terreno, tornado maior, permittiu que o edificio projectado se estendesse no sentido da largura, vindo a ficar com mais de 80 metros de frente. No outro sentido porém não podia soffrer alteração, pelo que ficou assentado que a nova sala se ajustaria ao fundo do edificio na parte correspondente ao corpo central.

Tendo o Sr. General completado por este modo o seu projecto, excepção feita de alguns detalhes e divisões que serão objecto de accôrdo posterior, realizou-se com toda a solennidade a 15 de Agosto o lançamento da pedra fundamental. Preparado o local, dignou-se de comparecer ás 3 horas da tarde S. Exc. o Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Presidente da Republica, e em vossa presença, na de outros ministros e autoridades, senadores, deputados e outros muitos convidados teve lugar a cerimonia da collocação da pedra depois da leitura da acta que fóra assignada por muitas das pessoas presentes e de que se tinham feito duas vias. Na cavidade da pedra depositaram-se em uma caixa de madeira, encerrada esta em outra de cobre, uma via da acta, um exemplar em cobre da medalha commemorativa, diversos jornaes do dia e moedas correntes de prata, nickel e cobre.

Coube-me proferir breve allocução allusiva ao acto, do qual resultará em futuro proximo a realização da grande aspiração da Bibliotheca, á qual prestou o actual governo assignalado serviço e em cuja historia ha de figurar indelevelmente.

Ambas as vias da acta foram feitas em pergaminho e ornamentadas a côres pelo professor Rodolpho Amoedo, tendo sido desenhadas as letras gothicas pelo artista Cattaneo. A medalha foi encommendada ao professor Augusto Girardet que a fez gravar. Fez-se a cunhagem na Casa da Moeda, tendo-se tirado 3 exemplares de ouro, 15 de prata, 1 de prata e cobre, 1 de estanho e 480 de cobre. Das de ouro coube-vos um exemplar, outro foi offerecido ao Sr. Presidente da Republica, ficando reservado o terceiro para a collecção da Bibliotheca, a que ficou tambem pertencendo 1 exemplar de cada um dos demais metaes. As de prata foram reservadas para o Sr. Vice-Presidente da Republica, os demais Ministros, o General Sousa Aguiar, o Chefe da Commissão da Avenida e outras autoridades, cabendo-me um exemplar, porque assim resolvestes, e as de cobre foram depois distribuidas entre os colleccionadores, as pessoas que se interessam pela Bibliotheca e diversas bibliothecas e outras instituições nacionaes e estrangeiras.

Foram-vos offerecidos o martello de prata com cabo de madreperola e a pá tambem de prata que serviram na cerimonia.

Ao Sr. Presidente da Republica foi offerecida uma das duas canetas de ouro utilizadas para assignatura da acta, sendo a outra offerecida ao Sr. Dr. Lauro Müller, Ministro da Industria. Foi-me dado tambem guardar uma preciosa lembrança da festa a que me couberam a honra e a satisfação de assistir como director da Bibliotheca. Devo-a á extrema gentileza do Sr. General Sousa Aguiar que me offereceu o tinteiro de prata que serviu

no acto da assignatura da acta. O outro exemplar da acta foi recolhido á Secção de Manuskriptos, acondicionado em uma pasta de fino bezerro, com ornamentações a ouro e a côres, executada na Officina de Encadernação.

Para occorrer ás despesas com a execução do projecto calculada em 3.000:000\$000, votou o Congresso Nacional o credito de 2.600:000\$000 pedido em mensagem do Sr. Presidente da Republica, quantia que reunida á de 400:000\$000, constante para o orçamento de 1905, perfaz a somma necessaria. Está por este modo assegurada a construcção do majestoso edificio destinado á Bibliotheca Nacional."

As obras, iniciadas em 15 de Agosto de 1905, ficaram concluidas em Outubro de 1909, pelo coronel N. A. Moniz Freire, auxiliado pelo 1.º tenente Alberto de Faria.

O acto solenne da inauguração do novo edificio coincidiu com a data do primeiro centenario da fundação da Bibliotheca, ou seja de 1810 a 1910, na administração do Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, director da Bibliotheca. Estava na presidencia da Republica o Dr. Nilo Peçanha, e occupava a pasta da Justiça e Negocios Interiores o Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira.

Inauguração da Bibliotheca Nacional

A's 3 horas da tarde do dia 29 de Outubro de 1910, procedeu-se á cerimonia da inauguração, estando presente ao acto, no salão de conferencias, o chefe da Nação, acompanhado de seu secretario, e do chefe de sua casa militar, ministro da Justiça, outras autoridade, membros do Congresso Nacional, corpo diplomatico, e demais convidados, que constituiram a selecta assistencia. O dr. Constancio Alves, na qualidade de secretario, interno, procedeu á leitura da acta inaugural. O discurso official foi proferido pelo director dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva.

A expressiva chronica do edificio apropriado para a Bibliotheca está, pois, eloquentemente synthetizada no introito desta vibrante allocução:

"E' finalmente uma fulgurante realidade a installação da Bibliotheca Nacional num edificio para ella construido, isolado, vasto, incombustivel, apropriado.

Triumpharam todos aquelles que se bateram pela generosa idéa.

Era capital o problema do edificio. Teve de atravessar largo periodo até conquistar o apoio daquelles que poderiam concorrer para lhe facilitar a melhor solução, a mais consentanea com as necessidades que deveriam ser consultadas. Ideal acariciado pelos bibliothecarios que me precederam, não foi á falta de esforços que o não conseguiram ver realizado. Destacaram-se nessa campanha o sabio beneditino Frei Camillo de Monserate, espirito clarividente que comprehendeu nitidamente a situação do estabelecimento confiado á sua superior competencia, e, se não obteve que se dêsse satisfação a todas as necessidades deste, de nenhuma dellas se esqueceu, ao solicitar constantemente do Governo as providencias que se lhe afiguraram adequadas; o erudito Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, reputado bibliographo, o maior dos bibliothecarios que têm passado por este estabelecimento e seu reorganizador, e finalmente, o meu egregio

antecessor immediato, o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, poeta, historiador e bibliographo, que deixou as mais evidentes provas do seu muito amor á Bibliotheca.

“A collaboração efficaz da imprensa não lhes faltou. Seja-me permittido, como uma homenagem á memoria de Arthur Azevedo, concentrar no seu nome a acção da imprensa, no nome de quem sempre pugnou pela realização desse ideal com o enthusiasmo proprio dos propagandistas convictos.

“O magno problema esteve sem solução durante um seculo. Resolveram-n’o brilhantemente os Exmos. Srs. Drs. Francisco de Paula Rodrigues Alves e José Joaquim Seabra, quando Presidente da Republica o primeiro e Ministro da Justiça o segundo. Estes dous nomes pertencem á historia da Bibliotheca Nacional, como seus benemeritos. Não podem igualmente ser esquecidos os nomes dos Exmos. Srs. Drs. Affonso Augusto Moreira Penna e Augusto Tavares de Lyra, sem cujo apoio valioso não teria seguimento a construcção. Aos Exmos. Srs. Drs. Nilo Peçanha e Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira devemos a terminação das obras.

“Singela homenagem que presta a administração da Bibliotheca aos Presidentes da Republica e Ministros da Justiça que contribuíram para que se construísse este edificio, é a galeria dos seus retratos, que em seguida se vai inaugurar.

“Dentre os membros do Congresso Nacional, cujo auxilio se fazia indispensavel, deve ser lembrado neste momento o nome do Dr. Francisco Cornelio da Fonseca Lima, deputado que foi por Pernambuco e membro da Commissão de Finanças.

“O nome do Sr. General Francisco Marcellino de Sousa. Aguiar ficará tambem ligado ao edificio, como o do architecto que lhe traçou as linhas fortes e elegantes e dirigiu a construcção no seu começo, tendo-a acompanhado até o fim com os seus conselhos.

“Coube ao mais obscuro dentre aquelles sobre cujos hombros têm pesado as responsabilidades da direcção deste estabelecimento a ventura de ver lançar a primeira pedra do seu grandioso edificio e assistir a esta festa inaugural.”

O sr. ministro da Justiça usou da palavra, congratulando-se com a administração da Bibliotheca “pelo auspicioso acontecimento”, e pediu ao sr. presidente da Republica que declarasse inaugurado o edificio, o que logo fez s. exa.

A parte ornamental da acta foi gravada a agua-torte por Modesto Brocos, e representa a Administração descerrando uma cortina, e fazendo apparecer o novo edificio.

Foi assignada pelos presentes, e, depois, recolhida á secção de manuscriptos. Foram offerecidas, por fim, ao presidente da Republica e ministro da Justiça as pennas de ouro e canetas, tambem de ouro, com que assignaram a acta. Todo o edificio foi percorrido por estas altas autoridades, ficando o edificio franqueado á visita publica até ás 9 horas da noite.

Foram collocadas no vestibulo da Bibliotheca duas placas de bronze, commemorativas da construcção e inauguração, com estes dizeres:

“Lançamento da pedra fundamental a 15 de Agosto de 1905 | Sendo presidente da Republica | o Exmo. Snr. Dr. Fran-

cisco de Paula Rodrigues Alves | e Ministro da Justiça e Negocios Interiores | o Dr. José Joaquim Seabra. | Projecto do General Francisco M. de Sousa Aguiar. | Construcção iniciada por este e terminada em | Outubro de 1909 pelo Coronel N. A. Moniz Freire | Auxiliada pelo 1.º tenente Alberto de Faria.”

“Inauguração a 29 de Outubro de 1910 | Sendo presidente da Republica | o Exmo. Snr. Dr. Nilo Peçanha | E Ministro da Justiça e Negocios Interiores | o Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira. | Edificio construido e inaugurado | na Administração do | Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva | Director da Bibliotheca.”

Dest’arte, deixando o edificio da Lapa, a Bibliotheca foi trasladada para um palacio magnifico, á Avenida Central, hoje Rio Branco. O predio majestosamente erguido, para se tornar o mais vasto repositorio do saber entre nós, de aspecto admiravel, offercia todas as condições para o fim a que se destinava, sendo, além de amplo e isolado, incombustivel.

Assim ficou resolvido o problema capital de uma installação apropriada e definitiva para a Bibliotheca.

Frei Gregorio José Viegas, da Ordem Terceira da Penitencia, e o Padre Joaquim Damaso, da Congregação do Oratorio de Lisbôa, foram os primeiros encarregados do arrançamento e conservação da Bibliotheca.

Directores da Bibliotheca

Depois da independencia, tendo resignado o cargo o Padre Damaso, e já se tendo retirado para Lisbôa em 1821 frei Gregorio, passaram a chamar-se de bibliothecarios os funcionarios incumbidos de dirigir a Bibliotheca.

Por decreto de 23 de Outubro de 1822, foram nomeados bibliothecarios Frei Antonio de Arrabida, depois bispo titular de Anemuria, preceptor que fôra de D. Pedro I e D. Miguel, e ajudante do bibliothecario o padre Felisberto Antonio Pereira Delgado, a quem succedera em 1833 o conego Francisco Vieira Goulart, que em 1837 foi elevado a bibliothecario.

Frei Antonio de Arrabida serviu até 1831.

De 1837 a 1839 exerceu as funcções de bibliothecario o ajudante conego Antonio Fernandes da Silveira, até que em 1839 foi nomeado para aquelle cargo o conego Januario da Cunha Barbosa. Fallecendo este em 1846, foi nomeado o Dr. José de Assis Alves Branco Muniz Barreto. Seguiu-se-lhe em 1853 o sabio beneditino frei Camillo de Monserrate, filho natural do Duque de Berry. Em 1870 falleceu frei Camillo, e foi nomeado o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que deixou assignalada a sua passagem pela bibliotheca, reorganizando-a e engrandecendo-a. Tendo este solicitado exoneração, em 1882, por haver sido convidado para ser o preceptor dos principes, foi nomeado o Dr. João de Saldanha da Gama. Seguiram-se-lhe o Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio (1889-92), primeiro a que foi dado o titulo de Director, o Dr. Francisco Mendes da Rocha (1892-94), o Dr. Raul d’Avila Pompeia (1894-95), o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello (1895-1900), o Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva (1900-24) e o Dr. Mario Behring, actual director geral. Serviu durante cerca de um anno como director, mas, interino, o

Dr. Basilio de Magalhães, enquanto ausente em comissão na Prefeitura o director geral effectivo (1918-19).

Exposições

A Bibliotheca Nacional commemorou o tricentenario da morte do grande epico portuguez, organizando uma Exposição Camoneana e publicando o respectivo catalogo.

Realizou em 1881 uma Exposição de Historia do Brasil, da qual foi publicado excellente catalogo, em dous grossos volumes e um supplemento.

Organizou em 1883 a Exposição Permanente dos Cimelios, da qual está publicado o catalogo annotado.

Concorreu á Exposição Universal de São Luiz em 1903, enviando-lhe uma collecção de suas publicações, ahi obtendo o grande premio.

Concorreu á Exposição Nacional de 1908 com uma collecção de obras impressas, manuscriptos, gravuras, moedas, medalhas, etc., relativas a D. João VI e sua epoca, em Portugal e no Brasil, e com numerosos especimens de jornaes brasileiros. Foi-lhe tambem conferido o grande premio.

Concorreu em 1905 para a Exposição bibliographica Cervantina, organizada pelo Gabinete Português de Leitura para celebrar o 3.º centenario da 1.ª edição do **D. Quixote**, tendo contribuido com valioso contingente e tendo publicado o respectivo catalogo.

Organizou em 1921 uma exposição dantesca, por occasião do VI centenario da morte do autor da **Divina Comedia**, tendo reunido mais de 500 obras e gravuras a respeito.

Publicações diversas

Os **Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro** constituem um dos mais importantes repositorios de informações sobre a nossa historia. Publicação de character não só historico, mas tambem bibliographico, os **Annaes**, havendo começado em 1876, contam até agora 40 volumes, nos quaes têm apparecido documentos historicos até então ineditos e catalogos especiaes de collecções existentes na Bibliotheca, assim como bibliographias sobre assumptos brasileiros.

Outros trabalhos, além dos **Annaes**, como o **Boletim Bibliographico** e os **Documentos** para a historia da Independencia, têm sido publicados pela Bibliotheca.

Regulamentos

A Bibliotheca Nacional tem-se regido por varios regulamentos. Assim, em 1821, tivéra o primeiro regulamento, com a denominação de **Estatutos da Real Bibliotheca**, substituidos, por decreto de 13 de Setembro de 1824, pelos **Artigos regulamentares para o regimen da Bibliotheca Imperial e Publica**, organizado por Frei Antonio de Arrabida. Outros regulamentos foram elaborados, de conformidade com os decretos de 4 de Março de 1876, de 13 de Outubro de 1890, de 28 de Dezembro de 1892, de 8 de Agosto de 1894, de 11 de Junho de 1911, e de 6 de Setembro de 1922, pelo qual actualmente se administra a Bibliotheca. Esta, que tinha primitivamente o epitheto de **Real Bibliotheca**, passou, depois, a se denominar **Bibliotheca Imperial e Publica**, **Bibliotheca Publica e Nacional**, e, finalmente, **Bibliotheca Nacional**.

O regulamento de 1911 instituiu o regimen das conferencias, literarias e scientificas, em séries ou cursos, no salão da Bibliotheca Nacional, realizadas de conformidade com os programas annualmente organizados pelo respectivo director, que por sua vez dirigia os convites ás pessoas que deviam effectuar taes conferencias. Procedeu-se á abertura das conferencias, em Setembro de 1912, na presença do presidente da Republica, ministro da Justiça e Negocios Interiores. Inaugurou o curso de conferencias o escriptor José Verissimo, falando sobre "A nossa evolução literaria". Dahi até 1922, quando foi suspenso o regimen das conferencias, provisoriamente, por ter a Camara occupado, até 1926, o salão em que eram as mesmas realizadas, outros nomes mais em evidencia nas letras e nas sciencias honraram o salão da Bibliotheca, o qual esteve sempre frequentado pelo publico, dentre elles: Roberto Gomes, sobre "Arte e gôsto artistico no Brasil"; Juliano Moreira, sobre "O progresso das sciencias no Brasil"; Pandiá Calogeras, "O Brasil e o seu desenvolvimento economico"; Conde de Affonso Celso, "O meio social brasileiro"; Helio Lobo, "O Brasil no concerto das Nações"; Oliveira Lima, "Os nossos diplomatas"; Roquette Pinto, "Aborigenes e Ethnographos"; Alberto Rangel, "Os sertões brasileiros"; Alberto de Oliveira, "O culta da fórmula na poesia brasileira"; Arrojado Lisbôa, "O problema das sêccas"; Dias de Barros, "Conquistas da Medicina Brasileira"; Ataulpho de Piva, "Justiça e Assistencias. Novos horizontes"; Carlos Seidl, "A função governamental em materia de hygiene"; Leopoldo de Bulhões, "Os nossos financistas". Foi incumbido do curso de "Historia da Civilização", sua origem, sua marcha e seu desenvolvimento no mundo antigo, o Padre F. A. Deiber, que realizou doze conferencias historicas. Da segunda série do curso, de **folk-lore**, foi encarregado o escriptor João Ribeiro, que sobre esse thema realizou oito conferencias. Rodrigo Octavio falou sobre "O Direito Positivo e a Sociedade Internacional (principios fundamentaes)", em cinco conferencias; Oscar de Souza, "A vida da materia. Do radium e da radio-actividade", em sete conferencias; Clovis Bevilacqua, "O Direito no Brasil. Sua feição particular. Seus grandes interpretes"; Amaro Cavalcanti, "Vida Economica e Financeira do País"; Oscar Lopes, "O Theatro Brasileiro. Seus dominios e aspirações"; Afranio Peixoto, "Aspectos do **humour** na literatura nacional"; Said Ali, "O purismo e o progresso da lingua portuguesa"; José de Mendonça, "A dôr physica nas operações cirurgicas e os meios de a supprimir"; Araujo Vianna, "A architectura e a arte ornamental. Phases de seu desenvolvimento no Brasil"; Sá Vianna, "O Brasil e a arbitragem internacional"; Antonio Austregesilo, "A nevrose do medo"; Inglez de Souza, "O Commercio e as leis commerciaes no Brasil"; Alcides Maia, "Lendas do Sul"; Oswaldo Cruz, "Algumas doenças causadas por protozoarios"; Osorio Duque Estrada, "Trovas do Norte"; Fernando Magalhães, "Primeiros momentos da vida do homem"; Nestor Victor, "Perfis de escriptores nacionaes"; Guimarães Porto, "Vultos e factos da cirurgia"; Goulart de Andrade, "Poetas lyricos"; João Cabral, "O Direito Internacional Privado e a nossa contribuição para o seu desenvolvimento"; Placido Barbosa, "O problema da Tuberculose no Rio de Janeiro"; Aurelino Leal, "O

parlamentarismo e o presidencialismo no Brasil"; Reis Carvalho, "A Mulher na literatura brasileira"; Olavo Bilac, "Sobre algumas lendas do Brasil"; Antonio Olyntho, "Riquezas latentes do sólo brasileiro"; Laudelino Freire, "A pintura no Brasil, sua evolução e suas tendencias"; Olympio da Fonseca, "O ensino medico no Brasil"; Souza Bandeira, "O que foi o Conselho de Estado no Imperio, e o que poderia ser na Republica"; Homero Baptista, "A adopção de um só padrão monetario no continente americano"; Ismael da Rocha, "A Defesa Nacional e a Medicina Civil e Militar"; Constancio Alves, "Autores e leitores"; Pinto da Rocha, "A Revolução farropilha de 1835"; Abreu Fialho, "A Hygiene da visão"; Afranio Peixoto, "Paixão e Gloria de Castro Alves"; Ignacio do Amaral, "A evolução da Geographia"; Raul Pederneiras, "O Desenho da Palavra"; Ramiz Galvão, "O poeta Fagundes Varella, sua vida e sua obra"; Bruno Lobo, "A Ilha da Trindade"; Alberto de Oliveira, "O Soneto brasileiro, de Gregorio de Mattos a Raymundo Corrêa"; Fernando Antonio Raja Gabaglia, "Antes e depois de Ayres do Casal"; Aurelio Lopes de Souza, "Collecções e colleccionadores". A terrivel epidemia da "grippe", de 1918, de que foi victima a Capital Federal, em Outubro e Novembro desse anno, interrompeu a série de conferencias promovidas pela Bibliotheca, sendo adiadas para o anno seguinte as de Miguel Calmon du Pin e Almeida, "Da influencia das vocações na pedagogia moderna" e Miguel Couto, "Religio Medici". Realizaram-se a seguir as conferencias de Coelho Netto, "Escoteiros"; Adolpho Moraes de los Rios, "Origem dos povos brasilicos..."; Carlos da Veiga Lima, "Farias Britto e o movimento philosophico contemporaneo"; Jeronymo de Alencar Lima, "O problema Ferro-Viario Brasileiro"; Bulhões Carvalho, "O Recenseamento demographico de 1920"; Thiers Fleming, "Limites Internacionaes"; Gustavo Barroso, "O Nordeste do Brasil e o problema das sêccas"; Carlos Chagas, "A nova orientação dos serviços sanitarios no Brasil"; Afranio Peixoto, série de tres conferencias: "Castro Alves, o épico da Abolição e da Republica", "Castro Alves, e o Theatro da Mocidade", e "Castro Alves, o lyrico do amôr e da natureza", — commemorativas do quinquagesimo anniversario de seu fallecimento; Constancio Alves, tres conferencias: "Dante na sua época, e na sua immortalidade", "Dante e a Divina Comedia" e "Dante na literatura brasileira", em commemoração do VI centenario da morte do grande épico italiano. Muitas outras conferencias, estranhas ao programma da Bibliotheca, alli se realizaram, por iniciativa individual, e sob os auspicios de varias instituições nacionaes e estrangeiras, com o consentimento prévio da respectiva Directoria.

Solennidades

Foi cedido o salão da Bibliotheca Nacional, com autorização do ministro da Justiça, a partir de 1913, para diversas solennidades que nelle se realizaram: Primeiro Congresso Pan-Americano de Odontologia e Exposição de Arte Dentaria, tendo sido utilizadas para a exposição as duas salas contiguas ao salão; solennidade commemorativa do anniversario da remodelação dos cursos medicos, tendo sido orador official o dr. Antonio Austregesilo; sessão de encerramento dos trabalhos da Associação Brasileira de Estudantes, tendo sido orador official o dr. Rodrigo

Octavio; sessão de recepção do poeta espanhol Salvador Rueda; sessão commemorativa do anniversario da remodelação dos cursos medicos, tendo usado da palavra o dr. Fernando de Magalhães; festa literaria em homenagem aos associados que iam deixar a vida academica; encerramento dos trabalhos da Associação, tendo sido orador official o dr. Diogenes Sampaio. Serviu ainda o salão de conferencias para as assembléas geraes e reuniões do Conselho Administrativo e da Directoria da Sociedade Brasileira do Direito Internacional; cerimonia da constituição da commissão brasileira para a restauração da Bibliotheca da Universidade de Louvain, e da formação da "Liga de Defesa Nacional"; fez-se, sob os auspicios da Sociedade Nacional de Agricultura, uma exposição relativa á cultura e industria do algodão, denominada "Exposição Algodoeira", tendo occupado varias dependencias do edificio da Bibliotheca, com grande exito; Congresso Brasileiro de Professores de Odontologia, a que se annexou uma exposição de aparelhos, artefactos e trabalhos de arte dentaria; sessão do "Centro Civico Pinheiro Machado", destinada a commemorar o trespasse do senador Pinheiro Machado, tendo sido os discursos officiaes proferidos pelos drs. Francisco Valladares e Alcides Maya; sessões de installação e encerramento do Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas; reuniões do Congresso de Prothese Dentaria; sessão magna do "Centro Pernambucano" para commemorar o passamento do Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, sendo orador official o Dr. Esmeraldino Bandeira; sessão do "Gremio Euclides da Cunha", com uma conferencia de Afranio Peixoto sobre "Euclides da Cunha. Dom e arte do estylo", em beneficio do monumento projectado em homenagem á memoria do patrono dessa associação; sessão inaugural do 2.º Congresso Brasileiro de Expansão Economica; sessão funebre em homenagem á memoria do Conselheiro Candido de Oliveira, promovida pela Congregação da Faculdade Livre de Direito; sessão inaugural da Conferencia Americana de Estudos Internacionaes; distribuição de premios aos vencedores das diversas provas do Campeonato do Tiro de 1919; reuniões da Commissão do Estatuto dos Funcionarios Publicos; abertura da Conferencia de Limites Internacionaes; reuniões das Congregações das Faculdades de Medicina e de Direito e da Escola Polytechnica, para approvação do regulamento da Universidade do Rio de Janeiro; sessão commemorativa do anniversario da fundação da Acção Social Nacionalista; sessão inaugural do 6.º Congresso Brasileiro de Esperanto; reunião organizadora da "Federação Rural Brasileira"; reuniões da Commissão Executiva do Centenario da Independencia; homenagem do "Curso Jacobina" a Ruy Barbosa, com a leitura e recitação de trechos de suas obras, por membros da Academia de Letras e alumnos daquelle curso; sessão inaugural da Conferencia Interestadual de Ensino Primario, sob a presidencia do ministro da Justiça, dr. Joaquim Ferreira Chaves; recepção do dr. Antonio Caso, Embaixador da Universidade Nacional do Mexico, pelas Congregações reunidas da Universidade do Rio de Janeiro; cerimonia da collação de gráu aos bacharelados da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro; sessão solenne commemorativa do 25.º anniversario da fundação da Sociedade Nacional de Agricultura.

Além destas, houve muitas outras, em periodos diversos, e só deixaram de ahí effectuar solennidades, autorizadas officialmente, em virtude da occupação, de 1922 a 1926, do salão das conferencias e solennidades pela Camara Federal.

Jubileu literario
de Ruy

O ambito illuminado da Bibliotheca tem sido illustrado por acontecimentos que se integram indelevelmente na sua historia.

Alli, vimos reunidas as personalidades de mais realce do nosso meio mais culto, bem como os representantes das diversas classes sociaes, na noite de 12 de Agosto de 1918, para a commemoração festiva do jubileu literario e civico de Ruy Barbosa, cujo busto em bronze foi, então, inaugurado, ante a saudação eloquente de Constancio Alves, e poesias do homenageado recitadas pelo poeta Alberto de Oliveira e escriptor Eduardo Ramos.

Ruy Barbosa pronunciou, nessa solennidade, um discurso, como todos os do seu genio, magistral, historiando os factos da sua trajectoria civica, a sua "carreira de traços literarios accidentaes", "retrospecto de lutas e apostolado", referindo-se ironicamente á honra dos bustos e estatuas, para significar o seu agradecimento por aquella consagração, concluindo, admiravelmente, por um ardente louvor ás bibliothecas, principalmente da Bibliotheca Nacional, e dos seus livros, "silenciosos habitantes desta casa", "testemunhas immortaes da civilização christã e pre-christã".

O busto, obra de Pinto do Couto, foi doado á Bibliotheca, para figurar no salão das conferencias. A partir daquela solennidade, fez-se no salão do segundo andar, a exposição dos trabalhos de Ruy Barbosa, ou a elle referentes, franqueada ao publico durante um mês.

Mudança da Camara
para a Bibliotheca
Nacional

A Camara funcionou no Palacio Monrôe até o dia 18 de Junho de 1922, mas, em cumprimento do disposto na lei n. 4.381-A, de 6 de Dezembro de 1921, cedeu a Mesa da Camara o edificio do Monrôe para "completar o conjuncto onde se organizára a Exposição Internacional, commemorativa do primeiro Centenario da Independencia do Brasil", e aceitou, como installação provisoria, até a conclusão de seu novo predio, uma parte do Palacio da Bibliotheca Nacional, á Avenida Rio Branco.

A mudança da Camara para o edificio da Bibliotheca foi ordenada, em 13 de Fevereiro de 1922, pelo aviso n. 491 C, do Ministro da Justiça, Dr. Joaquim Ferreira Chaves, em communição, para esse fim, dirigida ao director da mesma Bibliotheca. A mudança foi effectuada de 18 a 26 de Junho desse anno, occupando a Camara as seguintes dependencias, do magestoso edificio, de alas americanas, centro grego, de quatro pavimentos e extenso porão:

O salão principal de leitura foi occupado pela sala das sessões.

A galeria de exposição de preciosidades que circumda o salão principal de leituras foi transformada em galerias para o publico assistir ás sessões da Camara.

A Directoria, Secretaria e Thesouraria e salão de visitas foram occupados pela Secretaria, Archivo e salão de commissões da Camara.

A secção de manuscriptos (2ª Secção), na ala direita do edifi-

cio, foi occupada em mais da metade pelos Correios, Telegraphos, tachygraphos, barbeiro e café da Camara.

Todo o terceiro andar da ala direita, reservado para a futura expansão da Bibliotheca Nacional, havia sido occupado pela Bibliotheca da Camara, a titulo provisório, por aviso n. 753, de 9 de Maio de 1919. Começada em Maio, terminou em Junho do mesmo anno a mudança dos livros e estantes respectivas, ahi permanecendo até Junho de 1926.

Parte do porão da Bibliotheca, com sahida para a Avenida do Mexico, foi occupada para entrada privativa dos Srs. Deputados e pela sala de chapéos. Desta parte até a sala de sessões foram construidos especialmente dois elevadores.

Parte do hall, do 1º andar, foi occupada pela portaria da Camara.

O elevador do lado direito do hall ficou exclusivamente a serviço da Camara.

Na Bibliotheca, nesse augusto templo da sabedoria universal, repositório de milhares de livros preciosos, se effectuaram, após a mudança da Camara dos Deputados, a qual começou em 18 de Junho de 1922, para o seu edificio, ceremonias que se não olvidarão jámais.

Ceremonias inol-
vidaveis

A primeira sessão na Bibliotheca teve lugar no dia 30 de Junho, por não ter havido numero desde o dia 27 desse mês.

Foi ahi que, em 15 de Novembro, ainda de 1922, se realizou a posse dos novos representantes do poder executivo federal, perante o Congresso reunido — presidente Arthur da Silva Bernardes e vice-presidente Estacio Coimbra.

Foi a primeira vez que tal posse se effectuou na Camara em todo o regime republicano.

Foi, enfim, na Bibliotheca Nacional, onde se celebrou em antes o jubileu intellectual de Ruy Barbosa, que se fez, já no periodo de pleno funcionamento da Camara, a exposição do corpo desse genial brasileiro, desde a tarde de 2 de Março de 1923, após a descida do ataúde de Petropolis. Durante tres dias e noites, ininterruptamente, o edificio da Bibliotheca foi visitado por milhares de pessoas, de todas as classes sociaes, que iam, em tocante romaria, render o ultimo preito de saudade á memoria do eminente brasileiro. No saguão, onde se achava o corpo exposto em ataúde de carvalho, em meio á profusão de milhares de coróas de flôres naturaes, além de algumas de bronze, com expressivos dizeres, antes da movimentação do feretro para o Cemiterio de São João Baptista, houve a missa de corpo presente, no altar armado ricamente, officada por D. Sebastião Leme, arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro, bem como a Encommendação do corpo, pelo monsenhor Fernando Rangel. Terminada esta, falou o escriptor Constancio Alves, em nome da Academia Brasileira de Letras, explicando os motivos da escolha da Bibliotheca, para a exposição, durante os dias 2 a 5 de Março daquelle anno, do corpo de Ruy Barbosa. Esses motivos estão bellamente, commovedoramente synthetizados no seguinte trecho da sentida oração do representante da Academia de Letras:

“Na universalidade dessa tristeza inenarravel, que transborda do paiz, alonga-se como uma vaga, e vae desfazer-se em lagrimas em plagas da America e da Europa, levando a sua me-

lancolia a nações onde não eras um estrangeiro, mas um concidadão de altos espiritos liberaes; nessa unanimidade do luto não pretende a Academia Brasileira que o seu luto avulte.

Ella reconheceu, pelo seu illustre presidente, que, não em sua casa, mas aqui é que havias de esperar o momento da viagem derradeira; da cidade dos livros é que devias sahir para a cidade dos mortos. Que outro edificio, si não este, seria o templo adequado ás tuas exequias?

Aqui vive o Brasil nos documentos da sua historia; aqui fulge no pensamento dos seus escriptores; aqui palpita no sentimento dos seus poetas.

As gerações que a morte vae dispersando, aqui se reconstituem na sua continuidade historica; e parece que todas as almas, que animam este palacio, juntam-se ás nossas, nesta hora funesta, e amplificam a multidão que te cerca, e prolongam pelo passado a dentro o cortejo dos teus funeraes.

Muitas dessas sombras foram espectadores de tuas victorias, companheiros de tuas batalhas, teus irmãos na fraternidade dos ideaes, e testemunhas do teu espantoso labor.

A tua grande vida aqui se revela na majestade das suas obras. Não és, não serás um habitante ignorado desta cidade dos livros, onde se ergue o teu busto, doado por teus comprouvianos, para ser o augusto monumento da cidade, quando celebráremos o teu jubileu, que teve o fulgor de uma grande data nacional.

Este era o ambiente predestinado áquella glorificação que a solennidade de hoje completa, e que tambem devia ralizar-se aqui.

O teu busto estabelece a unificação das duas cerimonias, que affirmam, por modos diversos, o mesmo sentimento: hontem, tumultuando numa admiração torrencial, hoje fluindo no murmúrio das aguas que choram.

Este bronze, que foi fundido para falar da tua immortalidade não a desmente, neste apparato da morte.

Elle paira, como vemos, acima deste luto, no espaço que o sol doura, e não no que os cirios illuminam; e affirma a sobrevivencia do teu espirito na perennidade da tua obra prodigiosa e vasta, que só podia nascer na vastidão do teu craneo, astro que nos deslumbrava com o seu resplendor solar, e hoje nos consterna com as trevas da sua noite, e nos faz pensar um desses grandes mundos extinctos, que, nos espaços sidereos, rolam, em silencio eterno, a sua eterna tristeza."

Falaram ainda: Lemos Britto, em nome da Bahia; Coelho Netto, em nome da "Liga da Defesa Nacional"; e, finalmente, o Ministro da Justiça dr. João Luis Alves, em nome do governo.

O ataude de Ruy Barbosa foi retirado da Bibliotheca por marinheiros, envolto na bandeira nacional, segurando nos cordões o representante do Presidente da Republica, ministros de Estado, Prefeito, Corpo diplomatico e altas patentes do Exercito e da Marinha, com honras de Chefe de Estado. Foi formidavel o acompanhamento, a pé, até o cemiterio de São João Baptista, onde falaram: o academico Borja de Almeida, o grande criminalista Evaristo de Moraes, dr. Silveira Martins, em nome da opposição sul-riograndense; academico Pedro Calmon, em nome do corpo discente da Universidade do Rio de Janeiro; o consul geral da Republica Argentina no Rio; o popular tribuno Vicente

Ferreira, em nome dos humildes; dr. Raphael Pinheiro, em nome da cidade do Rio de Janeiro; e, por ultimo, em arroubos de eloquencia, o eminente parlamentar brasileiro João Mangabeira, em nome dos correligionarios de Ruy Barbosa na Bahia.

No anno em que o Brasil commemorou o primeiro centenario de sua Independencia, teve o Congresso Nacional a honra de receber em seu seio a visita do illustre Presidente de Portugal Dr. Antonio José de Almeida. Foi uma reunião solennissima a que, então, se effectuou, no edificio da Bibliotheca Nacional, onde funcionava a Camara dos Deputados, em 20 de Setembro de 1922, em homenagem áquelle eminente "legalista e respeitador da lei", gloria da politica e das letras lusitanas.

A sessão foi presidida pelos Srs. Antonio Azeredo, vice-presidente do Senado, e Arnolfo Azevedo, presidente da Camara, secretariados pelos senadores Cunha Pedrosa e Euzebio de Andrade, e pelos Deputados José Augusto e Costa Rego.

Occuparam lugares á Mesa o presidente de Portugal, á direita do vice-presidente do Senado, e o presidente do Brasil, Dr. Epitacio Pessoa, á esquerda do presidente da Camara.

Falou, em primeiro lugar, o Sr. Antonio Azeredo, que, em palavras de sincero sentimento patriotico, saudou "o eminente embaixador do velho e glorioso Portugal", em nome do Senado Brasileiro. Seguiu-se com a palavra o Sr. Arnolfo Azevedo, que, na qualidade de presidente da Camara dos Deputados, apresentou, em nome dos representantes da Nação brasileira, com assento naquella casa do Congresso Nacional, os cumprimentos e saudações de boas vindas e agradecimentos sinceros e cordiaes pela visita do presidente de Portugal ao nosso parlamento.

Ouviu-se, por ultimo, em oração magistral, o verbo colorido e fluente do Sr. Antonio José de Almeida, ante a surpresa admirativa dos circumstantes que o homenageavam. O fulgurante "livre pensador", "profundamente religioso", teve para comnosco palavras do mais sublime affecto, da mais intima sympathia, do mais immorredouro entusiasmo civico.

Falou-nos, como visitante em nome de Portugal, da lingua em que nós brasileiros e portugueses nos exprimimos; tratou, arguta e eloquentemente, das datas em que poderíamos commemorar o facto magno da nossa emancipação politica; do Christo, como "symbolo, em grande parte, e até em sua parte principal, da civilização brasileira"; de sua crença em Deus; na evocação dos mortos, que foram martyres e heróes, "inventores de mundos"; e rematou o seu applaudidissimo discurso com um "Viva ao Brasil", e um "Viva a Portugal".

O aspecto tanto exterior, como interior, do edificio da Bibliotheca Nacional, é dos mais artisticos e suggestivos. No seu conjuncto architectonico se combinaram, do modo mais harmonioso, o estylo energico norte-americano, e o estylo sobrio da Grecia, mas o seu verdadeiro estylo é o do renascimento francês. Desse conjuncto architectural se evidencia que a nossa casa de livros, consubstancia a acção e o pensamento. Seu mobiliario é adequado e resistente. Dentro do edificio, impressionam vivamente as caprichosas decorações, que fixaram, para sempre, excelsas visões da arte nacional. E' vêr o salão principal de leitura

Solenne recepção do
Presidente
de Portugal

Descripção do Edificio
da Bibliotheca
Nacional

e respectiva galeria. Há, no salão, quatro painéis, e quatro na galeria.

A série do salão é esplendida, representando a **Imaginação**, a **Observação**, de Modesto Brocos, e a **Reflexão**, e a **Memoria**, de Rodolpho Amoedo. O delicado pincel de Henrique Bernardelli representa na galeria o **Dominio dos homens sobre as forças naturaes** e a **Luta pela liberdade** e o de Elyseu Visconti, a **Solidariedade Humana** e o **Progresso**. Todas essas decorações figuram em telas colladas á parede, de vistoso aspecto, sendo bem escolhidos os assumptos, interpretados por artistas dos mais competentes.

A perfeição artistica de todo o edificio resulta, naturalmente, da bellissima disposição e combinação dos ornatos, volutas dos capiteis, folhas de acantho da columnata do portico, e, dentre outros, dos consolos e florões.

O edificio está dividido optimamente em quatro pavimentos e um porão. O aspecto geral é imponente, majestoso. Uma ampla e esplendida cantaria o cerca, notando-se as grandes dimensões dos seus blocos graniticos admiraveis, bem como a rarissima qualidade de sua formação. Desdobra-se essa cantaria em cento e tres metros de frente por setenta de fundo. Toda a bibliotheca é incombustivel, sendo o systema de construcção empregado — **á prova de fogo**. E' de rija ossatura metallica, revestida de forte alvenaria, de tijolo, de cimento e areia.

As sumptuosas fachadas, de noventa e dois metros de frente por cincoenta e oito de fundo, elevam-se a uma altura de mais de trinta e dois metros, até o ladrilho do terraço, que circumscreve a base do zimbório central, cuja altura é de quatorze metros, cercado pela esplendida cantaria.

Ladeiam-no seis torreões graciosos.

Apresenta o soberbo edificio, no meio da fachada principal, um herculeo portico, com seis columnas corinthias, as quaes abrangem, das platibandas ao embasamento, a altura de dois andares; e toda a luxuosa, e primorosamente acabada, ornamentação architectonica de suas fachadas e dos seus salões se subordina ás ordens jonica, toscana, corinthia e dorica. Rica balaustrada de marmore está assentada nos torreões e portico, sendo o frontão constituido por imponente grupo de bronze, tendo, ao centro, a figura da Republica, e, aos lados, outras que representam: a **Imprensa**, **Bibliographia**, **Paleographia**, **Cartographia**, **Iconographia** e **Numismatica**. Esse conjuncto, em relêvo, foi estampado em bronze de accôrdo com a **maquette** executada por Modesto Brocos. Na fachada, á direita, vê-se uma estatua de bronze, symbolizando **O Pensamento**, e, á esquerda, outra, representando **O estudo**, aquella devido ao cinzel de Corrêa Lima, e esta, ao de Rodolpho Bernardelli. Na parte superior da fachada, aos lados do tympano, foram collocados algarismos romanos, de bronze, que assignalam as datas da fundação da Bibliotheca — MDCCCX, e a inauguração do edificio — MCMX.

O edificio é caprichosamente encimado por quatro coberturas de vidro armado, cobre e telhas planas, coberturas estas sobrepostas a uma de estuque, no salão de leitura, e a tres de zinco, com seguras armações de ferro, sendo uma no zimbório central, e duas nos lateraes. São os tectos calidoscopicamente encimados por **vitreaux**. Seis para-raios, inteiriços, de cobre, sendo dois de

seis metros, e quatro de quatro metros, protegem a superfície da cobertura do edificio. Nos quatro andares do grande proprio nacional, existem treze salões, que sommam a area total de 7.700 metros quadrados. Já se notou que esses salões reunidos valem por um unico que tivesse 110 metros de comprimento por 70 de largura.

O vestibulo é de 188 metros quadrados. O edificio é servido por quatro elevadores, sendo dois para o movimento de livros, e dois para o transporte de pessoal, com capacidade cada um para dez pessoas. As estantes são rijas, ricas, feitas de aço na America do Norte, amplas e confortaveis. Sómente as da ala esquerda têm em cima cerca de quinhentos mil volumes. Os diferentes andares são ligados por nobres escadarias, tambem de aço, sendo os degráus de marmore.

E' de notar que a ornamentação interna dos salões e tectos é sobria e austera, em harmonia com a natureza architectonica da construcção, que, por sua vez, se consorcia, pela grandiosa severidade com que foi planeada, ao fim a que se destina o edificio, ou seja como casa dos melhores livros para a transmissão dos conhecimentos mais uteis. Impressiona bellamente, como elemento artistico, a typica expressão de ferocidade dos grandes leões da fachada. Mais interessantes ainda, na sua classica singeleza, é a formação graciosa dos tectos dos andares, de par com o perfil metallico das cornijas, que, com os paineis, constituem a ornamentação das salas, attrahente de simplicidade e belleza. E' formado de vigas de aço, em duplo T, o forte travejamento dos tectos, cortando-se em rectangulos não pequenos. As janellas são de canela.

Quanto á sua incombustibilidade, convem accrescentar que em todo o edificio só se empregou madeira nos soalhos, portas e janellas.

Sua capacidade, quanto á extensão, é para cerca de 1.000.000 de livros impressos, e, mais ainda, para todo o acervo de manuscritos, estampas e cartas geographicas existentes na Bibliotheca.

E quanto á sua justa divisão, nota-se que há salas de leitura e estudo para o publico, compartimentos e gabinete de trabalho para o pessoal da administração, e outras dependencias onde se executam diversos serviços internos. As escadas offerecem o mesmo aspecto de arte e duração: a principal, do primeiro pavimento e segundo andar, tem toda a armação de aço, degráus, patamares e roda-pé de marmore, os postes com candelabros, balaustradas e corrimões de genuino bronze e com primorosos lavoires; a do terceiro e quarto andar tem a armação de aço, degráus e roda-pés de marmore, balaustradas de ferro fundido, com os corrimões de bronze estirados sobre nucleos de ferro. As aberturas, do quarto andar, para o vestibulo, têm sacadas de ferro forjado, sendo de cobre os parapeitos; são tambem de genuino bronze as portas das tres entradas principaes, como bandeiras, grades, vêrgas, portadas e dobradiças, do mesmo metal. A balaustrada que garante a escadaria da entrada principal ostenta, graciosamente, quatro candelabros de ferro fundido.

E, finalmente, é vasto o porão do edificio, porão todo cimentado, no qual se acham bem installadas as officinas de encaixotamento, encadernação e restauração de livros, trabalhos typogra-

phicos, depositos de publicações e permutas assim como um *atelier photographico*.

E', pois, um proprio nacional dos mais artisticos, consistentes, confortaveis e opulentos.

E' a mais importante Bibliotheca da America Latina. Possee, actualmente 500.000 obras impressas, documentos manuscritos 625.325, estampas 180.298, cartas geographicas 9.545, Atlas 765.

Para o Museu Historico Nacional, creado por decreto 15.596, de 2 de Agosto de 1922, foram transferidas as moedas, medalhas e sellos, as quaes constituiram uma secção de Numismatica, das mais ricas do mundo. Por essa occasião foi creada, em substituição a esta, a secção de Publicações periodicas.

O novo Palacio, edificio proprio, da Camara dos Deputados, construido adrede no mesmo lugar em que existia a Cadeia Velha, foi inaugurado no dia 6 de Maio de 1926, commemorando, assim, o primeiro centenario do Poder Legislativo no Brasil.

A primeira sessão, porém, só se realizou alli, consummada a mudança, no dia 19 de Junho do mesmo anno.

A ultima reunião, no edificio provisorio, da Bibliotheca Nacional, foi effectuada em 16 daquelle mês.



INDICE

INDICE

